

O lo'u lava talaaga. Mi diario. Min dagbok.
 Ko'Eku Tohi noa. 나의 일지. Min dagbog
 Mij'n dagboek. Päiväkirjani. 私の日記
 Mon journal. 我的日記. Mein Tagebuch
 Il mio diario. min dagbok. Meu diário
 O lo'u lava talaaga. Mi diario. Min dagbok.
 Mij'n dagboek. Päiväkirjani. 私の日記
 Ko'Eku Tohi noa. 나의 일지. Min dagbog
 Mon journal. 我的日記. Mein Tagebuch
 Il mio diario. min dagbok. Meu diário
 O lo'u lava talaaga. Min diario. Min dagbok.
 Ko'Eku Tohi noa. 我的日記. Min dagbog
 Mij'n dagboek. Päiväkirjani. 私の日記
 Mon journal. 나의 일지. Mein Tagebuch
 Il mio diario. min dagbok. Meu diário
 Mij'n dagboek. Päiväkirjani. 私の日記
 Ko'Eku Tohi noa. 我的日記. Min dagbog
 O lo'u lava talaaga. Mi diario. Min dagbok
 Mij'n dagboek. Päiväkirjani. Mein Tagebuch
 Il mio diario. min dagbok. Min dagbog
 Mon journal. Il mio diario. Min dagbok
 Ko'Eku Tohi noa. 나의 일지. Päiväkirjani
 Meu diário. Il



A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Coordenador de Línguas
José G. F. da Silva, Correspondente
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

A ^{30/5} ^{maio} 1977 Liahona

- 1 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: — EXPOMO-NOS A PERIGOS?
Presidente Spencer W. Kimball
 - 5 UM REGISTRO DE NOSSOS REINOS
Jimmy B. Parker
 - 8 ORGANIZAR UMA HISTÓRIA PESSOAL
Elder Boyd K. Packer
 - 9 POR QUE TODA MULHER PRECISA DA SOCIEDADE DE SOCORRO
Élder Mark E. Petersen
 - 10 ELA FOI A MÃE QUE EU JAMAIS CONHECERA
Wanda West Bagder
 - 11 O DOM DE SI PRÓPRIO DE VOVÓ
Bruce Lyman Bishop
 - 21 DE PAI PARA FILHO
Chauncey C. Riddle
 - 26 (Ensino, 2.ª parte)
PREPARAÇÃO PARA O ENSINO EM GRUPO
Theo E. McKean
 - 28 (Ensino)
PARA QUE POSSAM INSTRUIR MAIS PERFEITAMENTE
Presidente David O. McKay
- ### SEÇÃO INFANTIL
- 13 MOMENTOS DE CORAGEM (JOSEPH F. SMITH)
Keith Christensen
 - 14 UM PASSO ADIANTE
Nancy M. Armstrong
 - 18 REGISTRE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA
 - 19 A NOITE FAMILIAR
 - 20 SÓ PARA DIVERTIR
- ### NOTICIÁRIO LOCAL
- 30 PRESIDENTE KIMBALL VEIO A SÃO PAULO PARA A CERIMÔNIA DE ASSENTAMENTO DA PEDRA ANGULAR
Maria Antonia Brown
 - 34 CONTEÚDO DA CAIXA DA PEDRA ANGULAR DO TEMPLO DE SÃO PAULO
 - 36 O PRESIDENTE DO TEMPLO DE SÃO PAULO
FIRMES, MARCHAI!

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linolettra, Rua Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribeubí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

As Coisas Pertinentes à Eternidade

Expomo-nos a Perigos?

Presidente Spencer W. Kimball

Através dos anos, voltando meus pensamentos e meu coração às vidas de meus nobres ancestrais, minha apreciação por eles tem aumentado. Aprender a respeito deles, não só fez com que meu coração se voltasse a eles, mas também, ajudou-me a ver a eternidade mais claramente. Minha própria vida não está presa apenas ao presente, mas, da mesma forma, enraizada nas vidas de meus ancestrais.

Lembro-me de haver lido uma mensagem na qual meu avô Kimball escreveu a seus filhos o seguinte: "Preocupo-me apenas com as coisas pertinentes à eternidade. Ao contemplar as coisas grandiosas de Deus, e a glória que aguarda os justos, quando reflito, e vejo que a estrada é tão reta, que poucos a encontrarão, tenho vontade de orar e pedir ao Senhor que abençoe meus filhos e os salve. Sou grato a Deus por viver em um dia quando alguns encontrarão a estrada e se tornarão Deuses." (Ver Orson F. Whitney, *Life of Heber C. Kimball*, Bookcraft, 1945, p. 513.)

Se vivermos de tal maneira que as preocupações com a eternidade sejam para nós uma constante, tomaremos melhores decisões. Talvez seja essa a razão por que o Presidente Brigham Young disse certa vez que, se pudesse fazer pelo menos uma coisa para abençoar os Santos, seria dar a eles "olhos com os quais ver as coisas da maneira como são." (*Journal of Discourses*, p. 513, grifos acrescentados.)

É interessante notar como essas últimas refletem as palavras das escrituras, nas quais a verdade é descrita como "conhecimento das coisas como são, como eram e como serão" (DeC 93:24). Jacó nos lembra também que o Espírito "... fala a verdade... fala das coisas como realmente são e como realmente serão..." (Jacó 4:13.)

Quão mais claramente vemos a eternidade, mais óbvio se torna que a obra do Senhor na qual embarcamos é vasta e grandiosa, com atraentes semelhanças em ambos os lados do véu da morte.

Temos grandes obras para realizar nesta terra, e suponho que todo o programa da Igreja poderia ser situado em uma dessas três categorias: trabalho missionário, trabalho do templo, e a manutenção dos membros da igreja na condição de ativos e fiéis. É difícil tentar dizer qual dessas atividades é mais valiosa e importante. Nossa grandiosa e progressista obra missionária entre os mortais, é a mais ampla que já houve nesta dispensação. Estamos pregando, ensinando e batizando dezenas de milhares de nossos semelhantes. Entretanto, a obra missionária não se limita à proclamação do Evangelho a toda nação, tribo, língua e povo que agora vivem sobre a terra. O trabalho missionário também continua além do véu, entre os milhões, mesmo bilhões dos filhos de nosso Pai Celestial, que morreram sem ouvir o Evangelho ou sem aceitá-lo, enquanto viviam sobre a terra. Nosso importante papel nessa parte da obra missionária é realizar nesta terra as ordenanças necessárias em favor daqueles que aceitam o Evangelho no mundo espiritual. Ele está cheio de espíritos que esperam ansiosamente que realizemos essas ordenanças terrenas para eles.

Espero que eliminemos a linha divisória artificial que freqüentemente colocamos (em nossas mentes) entre a obra missionária e a obra genealógica e do templo, pois que ambas são o mesmo trabalho redentor!

Durante o passar das eras, houve períodos de tempo em que o Senhor reuniu seu povo e estabeleceu o Evangelho e algumas das ordenanças de salvação entre eles. A isso chamamos dispensações do Evangelho, cada uma encabeçada por profetas que eram portadores do santo Sacerdócio, e de chaves que os autorizavam a exercer esse Sacerdócio. Nós os veneramos por suas obras nobres e inspiradas de retidão. Vemos que em cada dispensação anterior à nossa, alguns aspectos da obra de salvação para todos da família maior de Deus foram introduzidos, bem como parte do trabalho completado.

Em nossa própria dispensação, a qual as escrituras identificaram como a dispensação da plenitude dos tempos, o Senhor prometeu que iria “reunir em uma todas as coisas, tanto as que estão no céu, como as que estão na terra”. (DeC 27:13; Efésios 1:10.)

Certamente, “reunir em uma todas as coisas” está relacionado com a declaração do Apóstolo Pedro, referente “aos tempos da restauração de todas as coisas, dos quais Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antigüidade”. (Atos 3:21.) Esta importantíssima profecia refere-se especialmente ao retorno daqueles antigos profetas de Deus que possuíam as várias chaves do Sacerdócio do reino.

Assim, as chaves da divina ordem patriarcal, possuídas pelos antigos patriarcas, foram restauradas, podendo-se dizer, com efeito, que o tempo havia finalmente chegado para que a grande linhagem de Abraão fosse restaurada ao Evangelho e ao Sacerdócio. Através deste Sacerdócio, “serão abençoadas todas as famílias da terra”. (Abraão 2:11) — significando em parte que as bênçãos do Evangelho são trazidas aos indivíduos, e também, que através do novo e eterno convênio do Sacerdócio, ou seja, do casamento, todos os filhos eleitos de Deus que são reunidos da terra podem ser selados em unidades familiares à linhagem de Abraão, ou em outras palavras, à família organizada e eterna de Deus.

Há razão para que nos maravilhemos, vendo que a organização e obra da Igreja e seu Sacerdócio neste dia estão modelados segundo as chaves que ele possui?

Somos uma Igreja missionária, que participa ao máximo possível da Coligação de Israel. Somos uma Igreja edificada sobre famílias; uma Igreja que cuida de si própria, dando primazia ao desenvolvimento econômico, intelectual e espiritual de seus membros e de suas famílias, preparando-os para a salvação no reino dos céus. Somos uma Igreja que está ativamente participando na obra genealógica e do templo por nós mesmos e pelo número infinito de filhos de nosso Pai, os quais têm a promessa, mas ainda não obtiveram a oportunidade de receber as ordenanças de salvação. Esta é uma obra que torna ainda mais significativo o grandioso e correspondente trabalho missionário que está sendo levado a efeito no mundo espiritual.

Todas as vezes que leio certas passagens da Bíblia relativas a esse trabalho, fico impressionado pelas poderosas questões que Paulo apresentava, ao falar aos Santos de Corinto:

“Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos? Se absolutamente os mortos não ressuscitam, por que se batizam eles então pelos mortos?

Por que estamos nós também a toda hora em perigo? (1 Cor. 15:29-30; *itálicos acrescentados.*)

A última pergunta feita por Paulo fez-me refletir muito nos últimos meses. Por que as pessoas do mundo se arriscam, se expõem a perigos? Porque não podem ser salvas sem suas famílias e aqueles com que estiveram associadas. Continuarão expostas a perigos, até que o Evangelho seja levado a elas, de tal maneira, que decidam se querem aceitá-lo ou rejeitá-lo. Esta responsabilidade também nos coloca em risco, se considerarmos a obra missionária aqui na terra, e não comparilharmos o Evangelho com nossos familiares e amigos.

Ao mesmo tempo, nós, como membros da Igreja, expomos-nos a perigos, se não fizermos nossa obra do templo. Muito de nosso tempo é tomado com afazeres mundanos do dia a dia, os quais, sem dúvida, são necessários; mas aqueles que são membros de seu Reino, nesta hora crítica, devem fazer todos os esforços para devotar muito tempo e trabalho a esta importante obra.

Estas coisas da eternidade, relativas ao mundo espiritual e à vida após a morte, estavam na mente do Salvador, quando foi crucificado. Isto se reflete em suas declarações ao ladrão arrependido, que confundiram muitas pessoas:

“E um dos malfetores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós.

Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação?

E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este (o Cristo) nenhum mal fez.

E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino.

E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”. (Lucas 23:39-43.)

O que ele quis dizer? Exatamente o que disse. As horas se passariam, a morte sobreviria para os três ali crucificados, que iriam para outro mundo, e “... hoje estarás comigo no Paraíso”.

Vocês se lembrarão de que, quando a mulher se chegou até a tumba do Salvador, este ali não mais estava enter-

rado. Ao encontrá-lo no jardim, disse-lhe: "Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai (nos céus), mas... subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus." (João 20:17.) Ele não havia estado ainda em presença de Seu Pai Celestial, de sorte que não havia ido diretamente ao céu, como se imagina. Ele havia ido para algum outro lugar.

E então Pedro nos explica, mais tarde, exatamente o lugar aonde o Salvador foi, e para qual propósito.

"Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo espírito.

No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; ... porque, por isso foi pregado o Evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens, mas vivessem segundo Deus em espírito." (1 Pedro 3:18-19; 4:6.)

Cristo proporcionou a oportunidade pela qual os mortos pudessem arrepender-se de seus pecados, mudar suas atitudes e vidas, e viver de acordo com Deus, em espírito. Não sabemos quantos milhões de espíritos estão envolvidos. Sabemos que muitos morreram em guerras, doenças e vários acidentes. Sabemos que o mundo espiritual está cheio de espíritos de homens que aguardam que vocês e eu ponhamos mãos à obra. Aguardam, da forma como aguardaram os que assinaram a Declaração de Independência dos Estados Unidos.

"Por que", perguntaram ao Presidente Wilford Woodruff, "por que nos mantêm aqui esperando"? Esta pergunta continua a ser feita a nós pelos nossos próprios ancestrais.

Ficamos pensando a respeito de nossos ancestrais, avós, bisavós, tetravós, etc. O que será que pensam de vocês e de mim? Somos fruto de sua geração. Temos a responsabilidade de fazer a obra do templo por eles, e, embora os belos templos do Senhor estejam lá dia após dia, não comparecemos com frequência. Temos uma séria responsabilidade à qual não nos podemos furtar, e estaremos expondo-nos a perigos, se deixarmos de fazer este importante trabalho.

Espero que nossos santos compreendam a gloriosa realidade disto, que à medida que a obra é feita em nossos templos, ela nos ajuda a nos prepararmos para um mundo diferente e melhor.

Destinam-se os templos a sagradas ordenanças pertinentes a vivos e mortos. Membros dignos da Igreja devem ir aos templos o mais freqüentemente possível, para participarem desta importante obra. Uma das ordenanças realizadas nos templos é o endowment, que compreende uma instrução relativa à jornada eterna do homem e mulher, desde a existência pré-terrena, passando pela experiência terrena e attingindo a exaltação que é possível a cada um.

Brigham Young explicou o seguinte, concernente ao endowment:

"Permitam-me dar uma curta definição. Seu endowment significa receber todas as ordenanças na casa do Senhor, as quais lhes são necessárias após deixarem esta vida, a fim de lhes permitir voltar à presença do Pai, passando pelos anjos que estão como sentinelas... e ganharem sua exaltação eterna..." (Discourses of Brigham Young, p. 416.)

Em virtude da natureza sagrada do endowment e das outras ordenanças realizadas no templo, aqueles que ali vão para recebê-las, devem estar preparados e dignos. As pessoas convertidas à Igreja sentem-se logo entusiasmadas a respeito do templo, e desejam freqüentá-lo imediatamente após o batismo. Mas leva algum tempo até que ajustem seus pensamentos, para que estejam em sintonia com as coisas de natureza eterna, e leva algum tempo até que suas vidas estejam ajustadas, a fim de que se mostrem preparados e dignos, quando chegar o dia de irem ao templo. Assim, temos aconselhado os presidentes de estaca e bispos a não emitirem as recomendações para pessoas irem ao templo, receberem seus endowments, até que tenham maturidade suficiente no Evangelho. Estabelecemos uma norma, pela qual os novos conversos devem preparar-se **pelo menos um ano** após o batismo, antes de receberem estas ordenanças e bênçãos adicionais.

Preocupamo-nos também que nossos templos não sejam profanados com ações impróprias.

As palavras "A Casa do Senhor" aparecem em cada um dos templos. Um templo é uma Casa do Senhor, e quando entramos em sua casa, somos seus convidados. Dessa forma, devemos fazer todo o possível para conservar a casa do Senhor santa, imaculada, limpa e doce.

Alguns dos templos antigos foram profanados pelas atitudes de estranhos. O Templo de Salomão, por exemplo, foi profanado por pessoas sem autoridade que lá entraram,



saquearam seus preciosos tesouros, levando-os para terras estranhas, a fim de serem usados em práticas de idolatria. Mas as possíveis ações daqueles que estão do lado de fora não são as únicas maneiras em potencial de se macularem locais sagrados.

Os templos sagrados são também violados e profanados por membros da Igreja que ali comparecem e fazem seus convênios indignamente, ou sem estarem preparados e desejosos de aceitar e cumpri-los.

Quando as pessoas vão ao templo e então desprezam seus princípios sagrados, estão profanando-o. Quando pessoas que não se arrependem aceitam as sagradas ordenanças sem a determinação plena de se mostrarem dignas delas, ajudam a violar a santidade do templo sagrado, e estão profanando locais santos.

Quando promessas são feitas e convênios aceitos, sem intenção séria ou pura de magnificá-los, a poluição pode acontecer nos santos templos. Não é apenas o fato de se receber uma recomendação para entrar nos templos do Senhor, mas também o fato de se ter um espírito puro, doce e arrependido. Ao passarmos pela porta da Casa do Senhor, podemos muito bem nos lembrar de um tema mencionado no Templo de Washington:

“Entrai por esta porta como se o piso fora de ouro; E cada parede de jóias, todas um incontável tesouro; como se um coro em roupagem flamejante cantasse ali; Nem grito, ou pressa, mas silêncio... pois Deus está aqui.”

(De “Words of Life”, p. 45.)

Alguns de nós já tivemos oportunidade de esperar alguém, ou alguma coisa por um minuto, uma hora, um dia, uma semana, ou mesmo um ano. Podem vocês imaginar como se sentem nossos ancestrais, os quais esperam, alguns durante décadas e séculos, para que a obra do templo seja feita? Tentei, com os olhos de minha mente, visualizar nossos progenitores, que estão aguardando, que nós, seus descendentes e membros da Igreja na terra, façamos nosso dever para com eles. Pensei também no sentimento assustador que será para nós, encontrarmo-nos com eles após a morte, e termos de reconhecer que não fomos tão fiéis como deveríamos ter sido aqui na terra, realizando essas ordenanças em seu favor.

Durante os últimos meses, fui privilegiado com a oportunidade de comparecer à rededicação de alguns de nossos templos. Talvez o Senhor nos permita fazer tais rededicações, para que possamos sentar-nos nos templos e pensar, refletir e ponderar a respeito das coisas que deveríamos estar fazendo. Como resultado de tais experiências, resolvi continuar a dar de mim mesmo e de minhas energias a este grande e importante trabalho, e também encorajar outros a fazerem o mesmo.

Nos últimos tempos, tenho sentido muita vontade de compartilhar alguns pensamentos acerca do trabalho pelos mortos, porque sinto a mesma urgência por ele que sinto pelo trabalho missionário, já que ambos são basicamente um e o mesmo.

Ao que sei, nunca houve outra época nesta dispensação em que tivéssemos quatro templos em vários estágios de planejamento e construção como temos agora, ao mesmo tempo que temos reformas e rededicação de outros. Por isso, disse aos meus Irmãos das Autoridades Gerais: “Esta obra está constantemente em meus pensamentos, pois precisa ser levada adiante”.

Tendo em mente a importância da obra do templo, não seria maravilhoso se em cada lar Santo dos Últimos Dias, houvesse no dormitório de cada rapaz e cada garota, ou na sala de visitas, um retrato de bom tamanho de um templo, que os ajudaria a se lembrarem, freqüentemente, do propósito desses belos edifícios? Creio que haveria muito mais casamentos no templo que há hoje, porque os filhos teriam, como parte de suas experiências no crescimento, a figura de um de nossos templos, constantemente diante deles como lembrete e objetivo. Recomendo isso aos Santos. O custo será baixíssimo, e, certamente, ajudará a desenvolver os processos de pensamento das pequenas mentes que estiverem crescendo, ao contemplarem e discutirem seu significado nas Noites Familiares.

Esta é a obra do Senhor, e ele no-la deu. É nossa responsabilidade, nossa alegria, e nosso privilégio levá-la adiante. Devemos organizar-nos a nós mesmos e ao trabalho, para que tudo seja feito rapidamente. No livro do Apocalipse, João viu que em algum tempo no futuro (e ainda é futuro para nós também), aqueles que fossem fiéis e tivessem purificado e limpado suas vidas, trabalhariam noite e dia nos Santos templos. É evidente que haverá uma constante sucessão de grupos passando pelo templo, mais ou menos da maneira como ocorreu nos dias do Templo de Nauvoo. Meu avô, Heber C. Kimball, escreveu em seu diário que, durante os últimos dias de fevereiro de 1846, grupos passaram pelo Templo de Nauvoo dia e noite. “Iam ao dia e iam à noite”, disse ele.

Ele deixou claro que o Irmão Brigham (Young) levava um grupo, o Irmão Willard (Richards) outro, ele próprio outro, e assim por diante. Os Santos fiéis da época estavam tão ansiosos de receber as numerosas bênçãos e ordenanças que são dadas nos templos, que virtualmente viveram no templo as últimas poucas horas antes de atravessarem as planícies. Hoje devemos começar a agir com o mesmo fervor e desejo.

Temos pedido aos membros da Igreja que promovam o trabalho de fazer voltar os corações dos filhos aos pais, colocando os sagrados registros de suas famílias em ordem. Esses registros, incluindo-se especialmente o “livro contendo os registros de nossos mortos” (DeC 128:24), são uma parte das “ofertas em justiça”, mencionadas por Malaquias, que deveremos apresentar em seu santo templo, e sem as quais não poderemos suportar o dia de sua vinda. (Mal. 3:2-4.)

Temos também pedido que as famílias da Igreja se organizem, a fim de realizar de modo mais eficiente suas responsabilidades sagradas: a missionária, de bem-estar, educação no lar, do templo e genealógica, estabelecendo um padrão para as coisas vindouras. Lembro-me de que foi dito que as últimas palavras proferidas em público por meu avô, Heber C. Kimball, foram relativas a de que o tempo já havia chegado para todos os homens colocarem suas casas em ordem.

O Profeta Joseph Smith disse:

“Irmãos, não prosseguiremos em tão grande causa? Ide avante e não para trás. Coragem, irmãos; e avante, avante para a vitória! Regozijem-se vossos corações, e sede muito alegres.” (DeC 128:22.)

Minha oração é que todos nós que somos membros da Igreja nesta grande dispensação da plenitude dos tempos, possamos, na verdade, ir adiante, prosseguindo nesta grande obra, a fim de que não esteja em perigo nossa recompensa eterna.

UM REGISTRO DE NOSSOS REINOS

Jimmy B. Parker

Estamos fazendo a história de nossa família diariamente, mas como a estamos registrando?



Há vários anos, minha mulher e eu nos ajoelhamos diante de um altar no Templo do Lago Salgado, minha bela noiva colocou sua mão na minha, e fomos selados pelo tempo e toda eternidade. Agora compreendo mais claramente do que naquela época, o impacto das promessas feitas a nós, como parte daquela ordenança seladora.

Naquele dia, uma pedra fundamental foi lançada para um novo reino — nossa unidade familiar eterna. Com o passar dos anos, principiei a descobrir pequenos aspectos da importância do reino assim estabelecido em meu nome. Com as promessas de bênçãos dadas junto ao altar do templo, veio também uma solene responsabilidade de cuidar e manter um registro de “meu reino”.

Registros são importantes em todos os reinos de Deus — a Igreja, suas unidades, e especialmente as famílias. No início desta dispensação, o Profeta Joseph

Smith percebeu a importância da manutenção de registros:

“Depois de haver orado, o Presidente Joseph Smith Júnior declarou que, se o escutássemos com paciência, apresentaria ao conselho um assunto de grande importância. Por experiência própria, havia aprendido algo que sempre lhe causava tristeza ao recordá-lo. É incontestável que, se eu estivesse hoje de posse de todas as decisões que foram tomadas sobre os assuntos importantes da doutrina, bem como de nossos deveres e obrigações desde o começo desta obra, não as venderia por dinheiro algum; porém, não temos tido o cuidado de fazer as atas dessas coisas, pensando, talvez, que não nos trariam benefício algum mais tarde”. (Ensinaamentos do Profeta Joseph Smith, p. 71.)

A Igreja como um todo tem uma necessidade óbvia de registros das obras do Reino. Quanto à ma-

nutrição de registros de nossos reinos individuais, o élder John A. Widtsoe escreveu:

“Da maneira como encaro, em cada família deve ser mantido um registro da família imediata: o pai, o avô, o bisavô — ao menos daqueles de quem nos recordamos. Esse registro deve ser a primeira pedra, se quiserem assim entender, do altar familiar. Deve ser um livro conhecido e utilizado pelo círculo familiar; e quando a criança atingir maturidade, e sair a fim de formar sua própria família, uma das primeiras coisas que o jovem casal deverá levar consigo, serão os registros de suas famílias, para que sejam completados por eles durante a vida. Não há mal algum se ocorrerem duplicações. Há uma força, inspiração e alegria em se ter tal registro ao alcance das mãos, a fim de ser usado freqüentemente, contendo a história de nossos ancestrais, seus nomes, as épocas em que viveram, e alguma coisa a respeito de suas vidas e realizações. Cada um de nós carrega consigo a responsabilidade pela manutenção de registros, e devemos assumir essa responsabilidade.” (Church News, 31 de outubro de 1942.)

Tais registros, conforme sugestão do élder Widtsoe, e outros servos do Senhor, podem tornar-se, nas mãos de pais sábios, ferramentas extremamente eficientes para ensinar aos filhos e netos. Mas que tipo de registros devem ser mantidos, e de que forma?

Muitos de nós já ouvimos a respeito de manutenção de registros, do tipo de histórias pessoais, histórias da família, o livro de recordações, o diário pessoal, relatos de experiências sagradas, registros financeiros etc. A lista parece algo que nos irá soterrar, até que seja posta na devida perspectiva.

1. O Presidente Spencer W. Kimball já ressaltou à juventude da Igreja a importância da manutenção do diário. Após cuidadosa explicação sobre o que deve conter o diário, resumiu:

“Arranjem um caderno, meus jovens, um diário que durará toda a vida, e pode ser que anjos venham a fazer citações dele na eternidade. Comecem hoje, e escrevam nele suas ações do dia-a-dia, seus pensamentos mais profundos, suas conquistas e fracassos, seus interesses comuns e seus triunfos, suas impressões e seus testemunhos. Lembrem-se de que o Salvador castigou aqueles que deixaram de registrar eventos importantes.” (The New Era, outubro de 1975, pp. 4-5. Veja-se também 3 Néfi 23:7-13.)*

2. Este é apenas um dos vários e recentes lembretes que temos para manter registros de nossas vidas. Nas conferências de estaca para o primeiro semestre de 1977, ênfase está sendo dada à importância da preparação e manutenção de outro tipo de registro — a história pessoal. Muitos de nós tentamos encontrar material escrito acerca de nossos pais, avós, bisavós etc. Geralmente o que ocorre é que, quanto mais antiga a geração, menor número de dados sobre suas vidas encontramos. Será que isso acontecerá com nossa posteridade? Terá ela as mesmas frustrações que nós, ao buscarmos as informações?

Queremos que nossa posteridade cometa os mesmos erros que nós? Ou queremos que eles saibam

do testemunho que temos do evangelho e das experiências que nos fizeram ganhá-lo?

Temos já muitas das informações necessárias para começar a compilar nossa história pessoal. Podemos organizá-la através de um diário, agendas, uma história escrita ou biografia anteriormente compilada, álbuns, fotografias, fitas, relatórios de atividades da Igreja, cartas, e muitas, muitas outras maneiras. Tudo o que se nos tem pedido para fazer é organizar esse material e escrever uma história de nossa vida que resuma todos os eventos importantes, especialmente aqueles que possam ser úteis para ensinar nossa posteridade. Quando essa história pessoal escrita estiver atualizada, será nossa tarefa revisá-la e atualizá-la regularmente (talvez a cada dois ou três anos). Em alguns casos, talvez seja mais fácil gravar a história pessoal, em vez de escrevê-la, já que algumas pessoas não são muito dadas à escrita. E pode ser que a esposa ou um dos filhos ou outra pessoa possa transcrevê-la futuramente.

Descobri que um dos meios mais eficientes para me lembrar dos acontecimentos que quero incluir em minha história pessoal, é levar sempre comigo um conjunto de fichas de cartolina, do tipo encontrado em qualquer papelaria, tamanho pequeno, durante duas semanas. No topo de cada cartão, está escrito cada ano de minha vida. À medida que experiências passadas me vêm à mente, escrevo-as sob o ano em que ocorreram. Escrevo apenas o suficiente para me lembrar do acontecimento. Às vezes não me posso lembrar exatamente do ano em que algo aconteceu, e então escrevo o fato sob um título, exprimindo um período mais amplo de tempo, como “infância”, “idade escolar”, ou qualquer outro que se aplique. As fichas, assim preparadas, servem de base para escrever minha história pessoal.

Ao organizarem-se a si próprios e começarem a descobrir mais sobre os ancestrais, as famílias poderão também desejar registrar experiências desses ancestrais. Isso pode ser feito de diversas maneiras. Tais experiências podem ser compiladas, pesquisadas e publicadas nas histórias da família. Ou ainda, histórias individuais podem ser escritas e guardadas em um livro de recordações da família. Essas histórias devem estar disponíveis para qualquer membro da família que deseje uma cópia para seus próprios registros, mas a compilação deve ser feita em grupo.

3. Por muitos anos, temos ouvido falar do livro de recordações como sendo a história da família. Ainda que ênfase tenha sido dada à manutenção de gráficos de linhagem, folhas de grupo familiar e formulários de registro pessoal em tal livro, e ainda, levando-se em consideração que todos esses registros são importantes para a pesquisa de nossa linhagem e envio de nomes para trabalho do templo, não representam tudo o que antigamente o **livro de recordações** significava.

Em Moisés 6:5-6, lemos:

“E havia um livro de lembranças no qual se registrava no idioma de Adão, porque a todos que invocaram a Deus era concedido escrever por espírito de inspiração.

E por ele seus filhos foram ensinados a ler e a escrever, possuindo uma linguagem pura e incorrupta.”

Já que “todos os que invocaram a Deus” ensinavam aos filhos nos dias de Adão a ler e escrever, pode muito bem ser entendido que usaram as coisas escritas “por espírito de inspiração”, para cumprir o que lhes foi designado. Parece também que gráficos e formulários não atingirão tal objetivo, usados sozinhos. Deve haver mais coisas em um livro de recordações que as que temos posto ultimamente.

Devemos ter, como parte de nossos registros familiares, um registro dos acordos de Deus com cada membro de nossa família, escrito “por espírito de inspiração”. Imaginem o impacto que se teria nas vidas dos membros de nossa família, se lhes ensinássemos os grandes princípios do evangelho através de experiências pessoais da família. Revelação, díizimo, jejum, oração etc. seriam ensinados como uma segunda testemunha das mesmas verdades encontradas nas obras-padrão. Imaginem também as muitas vezes que esses sagrados registros familiares poderiam ser usados nas noites familiares e outras ocasiões propícias para ensino, para personalizar as verdades do evangelho.

Nossa família imediata possui um grande fichário, no qual arquivamos registros de experiências sagradas de nossos membros. Incluímos coisas tais como:

1. Cópias das bênçãos patriarcais de cada membro de nossa família que já a recebeu.
2. Resumos de bênçãos dadas ao sermos designados para várias posições na Igreja.
3. Resumos de bênçãos especiais dadas em tempos de doença ou outras necessidades.
4. Resumos de bênçãos dadas como partes de bênçãos de crianças, confirmações, ou ordenações ao sacerdócio.
5. Sensações e impressões tidas por ocasião de batismos ou outros acontecimentos importantes na vida de cada membro da família.
6. Nosso testemunho do evangelho de Jesus Cristo.
7. Outros relatos de experiências que queremos manter em sagrada recordação.

Esse registro é bem conhecido e amado por todos os nossos filhos, e eles o lêem freqüentemente.

Quando sentimos necessidade, usamo-lo também em nossas reuniões familiares. Por exemplo, no último outono, quando nossa filha Kerrie se preparava para o batismo, o instrumento mais eficiente para ensinála acerca de que esperar foi a experiência de sua irmã mais velha, Jamie, registrada por ela mesma três anos e meio antes. As impressões sentidas por Jamie também inspiraram Kerrie a registrar seus sentimentos ao ser batizada.

Quando fui designado membro do sumo conselho, nosso presidente da estaca, irmão Clarence D. Samuelson, deu-me uma bênção especial. Tão logo foi possível, minha mulher e eu nos sentamos e escrevemos o quanto foi possível lembrar daquela bênção. À medida que o tempo passava, as promessas que

me foram feitas pelo presidente da estaca estavam sendo guardadas como recordação, e muitas já se cumpriram.

Fotografias, álbuns, trabalhos manuais, mobília, ou outras relíquias poderão ser importantes meios de nos recordarmos de eventos sagrados em nossa vida, ou das vidas daqueles que viveram antes de nós. Se nos trouxerem à memória uma lembrança que deva ser guardada em recordação sagrada, deverão também fazer parte de nossos registros familiares.

Há muitas maneiras diferentes de se fazer a manutenção desses registros, e há diversos tipos de registros. Mas não será uma coisa tão difícil assim, se considerarmos que o Senhor, através de seus profetas, nos mandou guardar os registros dos eventos importantes de nossa vida. E fez com que os profetas do Livro de Mórmon estabelecessem o padrão segundo o qual os registros seriam guardados, especialmente no tocante a Néfi, pois lemos em 1 Néfi 9:2-4:

“Agora, pois que falei sobre estas placas, eis que essas não são as placas sobre as quais escrevo a história completa de meu povo...”

Não obstante, recebi um mandamento do Senhor para fazer estas placas, com o fim especial de deixar gravado um relato do ministério de meu povo.

Sobre as outras placas devem ser gravadas a história do reinado dos reis e as guerras e litígios de meu povo; estas placas tratam, portanto, na sua maior parte, do ministério, enquanto as outras tratam principalmente do reinado dos reis, das guerras e litígios de meu povo.”

Se considerarmos nosso registro de experiências espirituais como Néfi fez com suas placas menores, e compararmos todos os outros registros que de nós são requeridos com as placas maiores de Néfi, teremos então uma perspectiva que nos permitirá tomar decisões sábias quanto às coisas que deverão constar de cada registro que devemos manter.

Como chefes de nossas famílias, devemos levar essas coisas em consideração, ao decidirmos o que e como manter os registros de nosso reino:

1. O que é mais importante para minha posteridade?
2. Que tipo de registros irá fazer com que minha posteridade compreenda a importância deles em suas vidas?
3. Quais são minhas limitações pessoais no tocante à preparação de tais registros?
5. Já que meu reino é uma miniatura do reino de Deus, até onde posso fazer que meus registros sejam semelhantes aos dele?
5. O que o Senhor gostaria de que eu fizesse?

Parece-me um conceito errôneo o de que o Pai Celestial não possua registros dos primórdios de seu reino. E parece-me lógico, portanto, que eu deva ter, para minha posteridade, nesta vida e por toda a eternidade, um registro, do qual possa extrair material para ensiná-los a respeito do começo de meu reino.

CRIAR UMA HISTÓRIA PESSOAL

Elder Boyd K. Packer,
do Conselho dos Doze.

De alguma forma parece existir o sentimento de que a obra genealógica é algo que as pessoas, ou se dedicam exclusivamente a ela, ou a ignoram completamente.

A obra genealógica é **mais uma** responsabilidade que recai sobre cada Santo dos Últimos Dias. E poderemos cumpri-la com sucesso, **juntamente** com todas as outras responsabilidades e chamados que temos dentro da Igreja.

Vocês crêem na ressurreição. E, portanto, devem saber que o batismo por alguém que já morreu é tão essencial, como o batismo por alguém que está vivo. Não há diferença de importância. E deve ocorrer a cada um. Devem ser batizados aqui, ou alguém terá de ser aqui batizado por eles.

O Novo Testamento inteiro dedica-se à ressurreição do Senhor. A mensagem é de que **todos** serão ressuscitados. Cada escritura e motivação que se aplicam ao trabalho missionário, também se aplicam ao trabalho de ordenanças pelos mortos.

Há uma forma pela qual o trabalho pode ser feito. E há um lugar por onde começar. Você poderá começar com **você**, com **onde você está**, e com **o que você tem nesse** exato momento. O problema todo é apenas começar. Se você não sabe por onde começar, comece com você mesmo. Se não sabe quais dados obter, e como obtê-los, comece com os que já tiver. Não levará muito tempo para escrever um relato de sua vida, e será um relato exato, porque você mesmo coletou os dados.

Uma vez iniciado este projeto, coisas muito interessantes e inspiradoras ocorrerão.

Há muitos anos atrás, a irmã Packer e eu decidimos que deveríamos colocar nossos registros em ordem. Todavia, sob a carga das responsabilidades do trabalho na Igreja, e com minhas viagens por todo o mundo, e ainda obrigações com nossa grande família, e um lar para cuidar por dentro e por fora, simplesmente não havia tempo. Não tínhamos descanso e, finalmente, determinamos que deveríamos obter mais tempo dentro das horas do dia.

Assim, durante os feriados de Natal, quando tivemos um tempinho extra, começamos. Ao voltarmos aos afazeres comuns do dia a dia, que nos tomavam o tempo, começamos a nos levantar uma hora ou duas mais cedo.

Reunimos tudo o que tínhamos, e em poucas semanas, ficamos espantados com o que fomos capa-

zes de conseguir. O mais impressionante, todavia, foi o fato de que começamos a ter experiências que nos mostravam que, de algum modo, estávamos sendo guiados, que aqueles que estavam além do véu, se mostravam interessados naquilo que fazíamos. Tudo o que precisava acontecer, começou a acontecer.

Ao viajarmos pela Igreja, e prestarmos particular atenção a este assunto, muitos testemunhos começavam a vir à luz. Outros que estão reunindo seus registros estão tendo experiências semelhantes. É como se o Senhor estivesse esperando que começássemos.

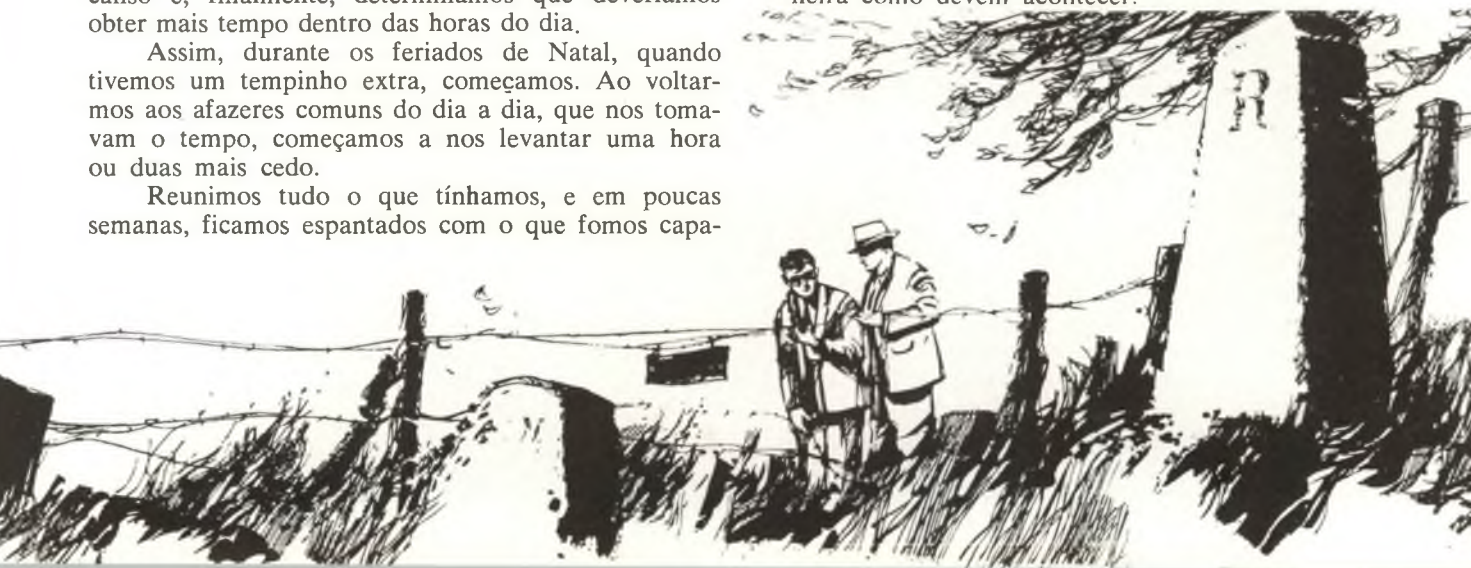
Descobrimos coisas tais como retratos, dados e histórias, que tínhamos sonhado obter havia longo tempo. Pareceram vir muito facilmente. Mais que isso, coisas que nem sonháramos existirem, começaram a aparecer. Descobrimos, pela experiência pessoal, que esta pesquisa em nossas famílias é uma obra inspirada.

Descobrimos também que a inspiração vem àqueles que agem. O problema todo é apenas começar.

Uma vez começado, achamos o tempo. E de alguma forma, fomos capazes de levar a cabo todas as outras responsabilidades. E ainda parece ter havido um crescimento na inspiração de nossas vidas por causa do trabalho.

Mas devemos decidir, e o Senhor não irá interferir em nosso livre arbítrio. Se quisermos um testemunho da obra genealógica e do templo, devemos tratar de fazer alguma coisa a respeito.

O Senhor os abençoará, se começarem a fazer esta obra. Foi claramente evidenciado para nós. Desde a hora em que decidimos começar de onde estávamos, com o que tínhamos, muitas coisas aconteceram, e portas se nos abriram. Não somos especialistas em obra genealógica. Somos, entretanto, dedicados à família que temos. E é meu testemunho que, se iniciarmos onde estivermos, cada um de nós por si próprio, com os registros que tivermos no momento, começando a pô-los em ordem, as coisas acontecerão da maneira como devem acontecer.



POR QUE TODA MULHER PRECISA DA SOCIEDADE DE SOCORRO

Élder Mark E. Petersen

Discurso pronunciado na Conferência Geral da Sociedade de Socorro. Outubro de 1975.

O apego às coisas do mundo cresce a uma taxa assustadora. Não falo apenas de pecado e corrupção. Refiro-me também às filosofias e ideologias mundanas, as quais disputam com o Evangelho nossa aceitação e simpatia.

Estamos mais aptos a aceitar a sabedoria do mundo, em vez dos humildes conselhos e advertências dos líderes da Igreja.

Agora é a hora de lembrarmos a nós mesmos que Deus restaurou seu evangelho e que ele nos é dado como um modo de vida — nosso modo de vida — o modo de vida de Deus.

Quando o Profeta Joseph Smith organizou e estabeleceu a Igreja, incluiu em sua organização a Sociedade de Socorro das mulheres. Será que compreendemos o significado disso?

A Sociedade de Socorro tornou-se parte da Igreja restaurada, através da ação do grande restaurador, Joseph Smith. Foi dada às mulheres da Igreja em Nauvoo durante o período da formação da Igreja. Seu objetivo foi o de atender a uma grande necessidade. Pretendeu-se que ela perdurasse através dos anos. Sua razão de ser foi a de atingir certos objetivos. Por exemplo:

1. Tornar cada um de nós melhores Santos dos Últimos Dias.
2. Edificar lares mais fortes.
3. Fortalecer nossos casamentos.
4. Ajudar-nos a criar filhos Santos dos Últimos Dias mais fortes.
5. Ajudar-nos a fazer com que a Regra de Ouro seja mais bem praticada entre nós, ao prestarmos serviço compassivo aos outros.
6. Fortalecer nossas comunidades e tornar nossa vizinhança um melhor lugar para se viver.
7. Ensinar às nossas irmãs métodos eficazes de resolver seus problemas pessoais.
8. Estimular-lhes o gosto pela boa literatura, além de outras vantagens culturais que enriquecem e amplificam suas vidas.
9. Auxiliar nossas mulheres a enxergarem seu papel inspirado na vida, como colaboradoras de Deus na alta posição de esposas e mães.
10. Ajudar nossas irmãs a saberem que as mulheres Mórmons não são cidadãs de segunda categoria; que não são limitadas e restringidas; e que não precisam sair às ruas do mundo para buscar a libertação.

Dessa forma, então, sendo a Sociedade de Socorro inspirada e revelada por Deus como organização para as mulheres da Igreja, não será necessária para toda mulher Santos dos Últimos Dias? Que mulher

Mórmon poderá dizer à Sociedade de Socorro: “Não necessito de ti?”

A Sociedade de Socorro é de vital importância para o bem-estar de todas as mulheres Santos dos Últimos Dias. Mas, além disso, é também essencial para o bem-estar de todas as famílias Santos dos Últimos Dias. De outra sorte, por que haveria o Todo-Poderoso de fazê-la parte integral de seu reino hoje?

Já que o programa da Sociedade de Socorro se destina a beneficiar toda a família, torna-se necessário que a família apóie e incentive todas as irmãs a dele participarem. As crianças devem **querer** que suas mães freqüentem e aprendam a ser melhores mães. E certamente os pais, acima de tudo, deveriam sinceramente desejar que suas esposas se tornem parte desta grande organização. Os maridos deveriam, de certa forma egoisticamente, desejar essa participação e freqüência, objetivando que suas esposas se tornem melhores donas de casa, que a atmosfera do lar seja melhor, e que o próprio lar seja mais eficaz. E, os pais deveriam apoiar o programa, especialmente com o fito de trazer para dentro do círculo familiar aquela parte do Reino restaurado de Deus, que somente é obtida através da Sociedade de Socorro. Cada marido e pai deveria, de forma concreta, patrocinar a freqüência de sua esposa à Sociedade de Socorro. Isso precisa ser um “dever” em cada família.

Muitas mulheres não freqüentam a Sociedade de Socorro. Ainda não compreenderam a grande oportunidade que ela proporciona. Não aprenderam ainda que a Sociedade de Socorro foi dada, a fim de nos ajudar a resolver muitos dos problemas que frustram e confundem as mulheres de hoje.

O valor real do evangelho restaurado parece ainda não haver descido sobre elas. Isso é ainda mais lamentável, já que somente através desse mesmo evangelho poderemos verdadeiramente servir ao Senhor e receber suas bênçãos, e suas bênçãos trazem-nos a paz.

E mantenham em mente que a Sociedade de Socorro é parte do programa do Senhor.

Sejam missionárias da Sociedade de Socorro. Assim procedendo, vocês serão salvadoras para milhares sobre o Monte Sião. As almas desses milhares são preciosas; suas famílias são preciosas à vista de Deus. Ao conseguirem o comparecimento dessas mulheres, poderão estar proporcionando salvação para todas as suas famílias.

Assim sendo, irmãs, como forma de salvar almas e fortalecer famílias, esforcemo-nos por trazer cada mulher ao seio da Sociedade de Socorro.

Ela foi a Mãe que eu Jamais Conhecera

por Wanda West Badger

Minha mãe morreu quando eu tinha apenas seis anos, e o desejo de tê-la conhecido sempre consumia meu coração em tormento, principalmente durante minha adolescência. Queria saber sobre suas atividades, seus namorados, suas roupas, se ela já havia sido professora da Escola Dominical (esse era o meu cargo na época). Assim, ao completar dezoito anos, escrevi um livro o qual dediquei à minha futura filha, quando tivesse dezoito anos, para que pudesse saber sobre minha vida.

Muitos anos após meu casamento, o pai de minha mãe deu-me um pequeno caderno que havia encontrado. Era um diário de minha mãe, cobrindo um período de cinco meses, começando com a data em que se havia diplomado no ginásio, em 1917. Quão emocionada fiquei ao poder ler suas próprias idéias e sentimentos, em vez de obter relatos de segunda mão. Descobri quais eram suas atividades diárias. lavar, esfregar e cozinhar para a família, já que sua própria mãe havia morrido dois anos antes.

Mas ela encontrou tempo para outras coisas: em cinco meses, assistiu a vinte e quatro filmes. Descobri coisas sobre os rapazes com quem saía, sua alegria em viajar ao logradouro Saltair nas praias do grande Lago Salgado, seus passeios pelo Liberty Park, em Salt Lake City, nos domingos à tarde, e de seu ensino fiel, todas as semanas, na classe da Escola Dominical.

No outono de 1975, um primo trouxe da Califórnia um álbum contendo dúzias de fotos de minha mãe, que pertencera à irmã de minha mãe. Os desejos de meu coração foram satisfeitos. Ela estava sempre sorrindo, um sorriso luminoso. E suas roupas! Saias aveludadas, blusas enfeitadas com fitilhos, chapéus de abas largas, adornados com flores.

Vendo tais gravuras e relendo as palavras que ela escrevera, sinto-me muito próxima à minha mãe. Quando a encontrar novamente, ela não será uma estranha.





O DOM DE SI PRÓPRIO DE VOVÔ

por Bruce Lyman Bishop

Albert Lyman e seu pai acordaram e descobriram que seus cavalos haviam fugido durante a noite. Ambos estavam apascentando o gado em uma área restrita, cerca de 150 quilômetros de distância de qualquer cidade. Não tinham suprimentos suficientes para andar a pé o caminho de volta — ou achavam os cavalos ou morreriam no deserto.

Sendo Albert o mais jovem e mais sadio, saiu à procura dos fugitivos. Seguiu todas as pistas que pôde achar por um dia e meio no deserto. Sua garganta estava seca e ardia pela falta de água. Seus músculos doíam pelo caminhar constante. Seus mocassins rasgados estavam colados a seus pés com seu sangue.

MAIO DE 1977

Ele estava exausto. Desencorajado. E decidiu voltar de mãos vazias.

Aí imaginou ouvir seu pai falando: “Vá em frente, filho”, “Que é um homem senão um rapaz que pode fazer as coisas que um homem faz? Se você voltar, será fracasso na certa; se você prosseguir, estará dando o melhor de si, e verdadeiros homens não poderiam fazer melhor.”

Assim, Albert continuou sua busca para encontrar os cavalos, cada passo uma dor profunda e aguda... e naquela noite encontrou-os.

Ao voltar ao campo, cavalcando um cavalo e conduzindo o outro, seu pai estava em pé sobre uma rocha, além da trilha, observando se o encontrava.

Seu diário nos fez penetrar mais profundamente o caráter deste extraordinário homem.

Ouvi seus próprios filhos dizerem, depois de lerem seu diário, que não faziam idéia de que ele houvesse sofrido tanto, houvesse tido tantas experiências inspiradoras, nem que tivesse sido tão grande homem. Ele explicou-me os princípios do evangelho através de seu diário e expressou seu grande amor por seu pai de maneira tão bela que eu mesmo passei a amar o meu bisavô, a quem jamais conheci.

E ficou olhando, após o filho chegar, e após ele mesmo descer da rocha, para os pés sangrando e a face cansada do rapaz, enquanto este lhe contava o que ocorrera em sua busca de dois dias.

O velho ajudou Albert a descer de seu cavalo e carregou-o em seus braços até uma fenda das rochas, sabendo o que lhe doeria, se seus pés tocassem o chão. Albert jamais esqueceu o que seu pai lhe disse naquela hora: “O jeito como você trouxe de volta esses cavalos é mais importante para mim que todo o gado que levei até Clay Hill.”

Albert R. Lyman era meu avô. Sei que meu bisavô lhe disse isso naquele dia, porque o escreveu em seu diário. Ele começou a fazer seu diário quando tinha treze anos. O último lançamento que fez foi uns poucos dias antes de morrer, com a idade de 93 anos.

Enquanto vovô ainda vivia, suas visitas eram um festival de contos de histórias, cantos, oração e testemunho. Ele vinha a Salt Lake City de Blanding, também no estado de Utah, e o piscar de seu olho podia logo ser visto por todos os seus netos deleitados. Ele nos contava a respeito dos heróis índios e dos fora-da-lei sem compaixão, dos pioneiros que oravam por ajuda para encontrarem uma garotinha perdida em um planalto em San Juan, de seu amor a seus pais, de seu amor ao Senhor e ao Evangelho.

Após sua morte, seus diários nos fizeram mergulhar ainda mais fundo no caráter desse homem maravilhoso. Escutei seus próprios filhos dizerem, após a leitura, que não tinham idéia de que ele havia sofrido tanto, que tivera tantas experiências, ou que tinha sido um homem tão grandioso. Ele me ensinou princípios do evangelho através de seus diários. Expressou seu amor a seu pai de maneira tão bela, que me achei amando meu bisavô, a quem jamais vi.

Ele sempre escreveu de seu coração. Era um homem vigoroso e resoluto — calamidades eram-lhe apenas obstáculos. Ele escreveu: “Temos mais razão para chorar, porque não aprendemos algo com nosso sofrimento, que simplesmente chorar porque sofremos. Sofrimento, pobreza, desapontamento, e o trabalho árduo passarão, mas seus efeitos para o bem ou o mal permanecerão”.

Essa crença foi posta à prova em sua vida, quando seu filho de oito anos faleceu em um acidente. Em muitos fune-

rais Vovô havia “prestado testemunho da imortalidade da alma, oferecendo conforto que só esse testemunho proporciona”. Mas meu avô sabia que algumas pessoas pensavam que ele haveria de sentir-se de modo diferente, se o falecimento ocorresse em sua família. Por causa das dúvidas dessas pessoas, “havia prometido a mim mesmo que, quando e se eu fosse chamado a lamentar tal morte, ainda assim prestaria tal testemunho (publicamente), e eles veriam que aquilo que falei era a verdade.”

Ao morrer seu filho, a despeito de seu conhecimento do plano do evangelho, “toda minha alma estava em prantos; era-me difícil falar por causa da tristeza. Eu só queria chorar”.

Durante os funerais, ele lutava contra a dificuldade que tinha para iniciar seu doloroso discurso. Então, “segura confiança me sobreveio, e declarei a realidade do mundo espiritual, a certeza da imortalidade do homem, e o constante propósito do Senhor em todos os assuntos pertinentes a seus filhos. A firmeza sem riscos com que fui capaz de falar elevou-me, naquela hora, da tristeza para regozijo.”

Sua firmeza, seu amor à família, sua devoção ao Salvador — tudo registrado em seu diário — sempre nos elevaram a nós, também, da tristeza para o regozijo, do temor para a fé. Muito tempo após sua morte, sua mão auxiliou-nos, guiando-nos através do caminho por ele encontrado anos antes, caminho que encontrou e trilhou até o glorioso final.

Antes de sua morte, ele nos contou que sua partida para o mundo seguinte lhe traria júbilo, porque sabia que seu pai lá o estaria esperando, a fim de colocar seus braços à sua volta, e chorar de alegria juntamente com ele, em seu mútuo amor ao evangelho.

E então vovô disse: “E lá estarei para encontrar **vocês**, para que tenhamos a mesma reunião alegre, quando deixarem este mundo”.

E se, quando eu o encontrar lá, for digno de entrar no reino de nosso Pai, será, em parte, por causa da orientação de vovô, deixada por ele, tinta sobre papel — um legado de riqueza, testamento que **podemos** levar conosco quando nossa hora chegar, e tivermos, também, que deixar este mundo.

Momentos de Coragem

por Keith Christensen



John, menino de onze anos, morava em Rotterdam, Holanda, quando Joseph F. Smith, que era então Presidente da Igreja, viajou de navio, cruzando o Oceano Atlântico, a fim de visitar os santos europeus.

Uns poucos anos antes, John havia ficado cego por causa de dolorosa doença nos olhos. Na noite anterior à chegada do Presidente Smith a Rotterdam, John falou de modo entusiasmado sobre o profeta à mãe.

“Mamãe, se você me levar à reunião e fizer com que o Presidente olhe em meus olhos, sei que serei curado”, disse-lhe.

“Vamos todos juntos”, disse-lhe a mãe. “Entretanto, o Presidente Smith poderá estar muito ocupado para ter tempo de falar com você.”

No dia seguinte, centenas de santos se reuniram para escutar o Presidente Smith. John estava emocionado com a idéia de ouvir a voz do profeta, embora não pudesse compreender o inglês. Todos esperaram ansiosos o tradutor, para que lhes dissesse o que acabava de ser dito. Após a reunião, o Presidente Smith apertou a mão das pessoas.

Enquanto aguardava com sua mãe o momento de apertar as mãos do profeta, John sentiu uma certeza de que o Presidente Smith olharia dentro de seus olhos. E então, a voz terna do Presidente cumprimentou John, enquanto apertava suas mãos calorosamente.

O Presidente Smith levantou a bandagem que cobria os olhos cheios de dor de John, e olhou-os. Depois, colocando as mãos sobre a cabeça do rapaz, o profeta prometeu que o Senhor o abençoaria.

Ao chegarem a casa, os olhos de John não mais doíam. Confiante, tirou a bandagem. Ele podia ver! Ambos choraram de felicidade e renderam graças ao Pai Celestial pelo poder de cura de um verdadeiro profeta de Deus.

Um Passo Adiante

por Nancy M. Armstrong/Ilustrado por Craig Fetzer



O dia arrastava-se para Tom, enquanto impaciente conduzia os porcos em direção ao celeiro perto dos estábulos. Quando foi feito um tocador de porcos, ficou feliz, porque sentiu que estava crescendo, mas logo descobriu que era um trabalho freqüentemente solitário e enfadonho.

No início, ainda tinha belos sonhos durante o dia, em que se tornaria mais tarde um cavaleiro, e realizando grandes feitos, que fariam dele um herói. Mas cansou-se dos sonhos que sabia jamais viriam a ser realidade.

Seu pai era vassalo, e Tom também, e como seu pai, sê-lo-ia até a morte. Tom pertencia à terra da casa do reitor, na vila de Lutterworth, onde permaneceria até o fim da vida, a menos que seu suserano o libertasse.

O calor do estábulo fez-se acentuado, enquanto Tom abria a porta, a fim de obter palha fresca para os porcos. Ao passar pela leiteria, pediu à serva que ordenhava as vacas: “Dê-nos um gole, por favor. Estou quase morrendo de sede.”

“Abra a boca”, e riu-se a serva, enquanto entornava leite pela boca de Tom, até que escorreu por sua camisa.

“Pare com essa brincadeira tola. Onde já se viu desperdiçar leite desse jeito. Pare, ou dou-lhe uma bofetada”, gritou, enquanto observava Jack, que puxava um cavalo.

Tom observou que o cavalo que Jack conduzia não pertencia às terras do reitor. “Quem chegou no cavalo estranho?”, perguntou.

“O Mestre, o próprio Senhor Wyclif”, respondeu-lhe Jack. “Acho melhor moderar seus modos, porque o Mestre disse que vai ficar desta vez. E há outros com ele para passarem a noite. Aprese-se, Tom. Sua mãe deseja que você esteja na cozinha para virar o espeto da carne.”

Tom suspirou e encheu um cesto de palha, levando-o depois aos porcos. Vai haver muito mais trabalho com o Senhor Wyclif aqui o tempo todo, pensou. Por que ele não fica lá em Oxford, onde dá suas aulas?

Deliciosos odores e o calor das chamas saudaram Tom, quando abriu a porta da cozinha. “Estou contente por ter chegado, Tom”, disse-lhe a mãe, que estava responsável pela cozinha. “Agora, seja um bom menino e vire o espeto da carne. É muito pesado para Hannah, e, além disso, preciso da ajuda dela aqui com esta massa.

Não levou muito tempo para que Tom sentisse como se estivesse sendo assado juntamente com os frangos. Seu braço doía, e o estômago roncava. Ele ansiava que houvesse comida sobrando, depois que o Mestre e seus convidados tivessem comido.

A mãe de Tom colocou os frangos sobre bandejas, junto à laje do fogão a lenha, a fim de que se mantivessem quentes, e disse: “Tom, você terá de ajudar os meninos da casa a levarem a comida para cima e servirem.”

“O Mestre deixou a escola para sempre?”, perguntou Tom.

“Ele foi mandado embora”, sussurrou-lhe a mãe. “Jack disse que é por causa de suas idéias sobre religião serem erradas — mas não é bem assim. Ouvi dizer que ele quer eliminar o mistério da religião, para que gente simples como nós possa entender o evangelho.”

Horas mais tarde, Tom estava na cozinha, sentado à mesa, comendo seu próprio jantar. E ainda estava confuso a respeito do que ouvira em cima. “Mãe, você não imagina que o Mestre está mudando a Bíblia do Latim para o Inglês. Eles disseram que é **traduzir**. Aqueles outros cavaleiros irão ajudá-lo. Jamais esquecerei o que o Mestre disse: ‘A salvação da alma de um lavrador é tão importante como a salvação da alma de um rei.’”

“Isso é verdade, mas jamais a havia escutado de modo tão belo antes. Creio que todos somos iguais à vista de Deus, mas aqui entre os homens, somos desiguais”, replicou sua mãe.

Tom esticou o braço para pegar uma asa de frango. “Qual a vantagem de escreverem a Bíblia em Inglês, se a maioria de nós não sabe ler?”

“Bem, há muitos ingleses que sabem ler”, respondeu-lhe a mãe. “É possível que alguém a leia para nós.”



“Você acha que eu aprenderei um dia a ler a Bíblia por mim mesmo?”, perguntou Tom.

“Não, filho. Temo que isso nunca seja possível”, disse ela, com tristeza.

Num instante, lágrimas de desapontamento encheram os olhos de Tom, e ele saiu correndo da cozinha.

Na manhã seguinte, ao alimentar o fogo da lareira da biblioteca do Sr. Wyclif, o culto cidadão, vestido de preto, já estava em pé junto à sua alta escrivaninha. Tom podia ouvir o ruído produzido pelo atrito da pena larga sobre o pergaminho, mas o mestre parecia nem haver notado sua presença no recinto.

Poucos dias depois, certa manhã, Tom encontrou a biblioteca vazia, quando para lá se dirigiu, a fim de acender a lareira. Depositando sua braçada de lenha na laje, acendeu as lamparinas sobre a mesa, próximas à escrivaninha. Ergueu uma, segurando-a de modo que pudesse enxergar o escrito sobre uma larga folha de pergaminho. Para Tom, tudo aquilo eram apenas marcas negras sobre fundo branco, mas agradou-lhe olhar para ali, pois sabia serem palavras.

Repentinamente, o termo **Jesus** saltou-lhe à vista. Ele já tinha visto essa palavra repetidas vezes, entalhada em pedra, aos pés de uma estátua de Cristo, na igreja.

Notou alguns fragmentos de pergaminho jogados ao chão. Recolocando a lamparina sobre o candelabro, apanhou os pedaços. Dirigiu-se, então, à lareira e procurou cuidadosamente nas cinzas até encontrar um pequenino pedaço de madeira queimada. Apanhou-o e correu para a escrivaninha. Com grande dificuldade tentou, repetidas vezes, copiar a palavra **Jesus** sob um fragmento de pergaminho. Um largo sorriso abriu-se-lhe nos lábios, ao conseguir escrever a palavra quase igual à que lhe servia de modelo. Tom estava tão absorto em sua tarefa, que não ouviu quando o mestre entrou na biblioteca, e quase morreu de susto ao ouvir a voz mansa junto a seu ombro, dizer-lhe: “Você copia bem, meu filho...”

As faces de Tom enrubesceram-se, enquanto se virava instantaneamente, para dizer, quase inconscientemente: “Eu... Eu lamento, senhor. Vou já acender o fogo.”

Estava já a caminho da lareira, mas o Sr. Wyclif pegou-o pelo braço.

“Qual é seu nome, garoto?”

“Tom Brinton, senhor”

“Você não sabe escrever, não é mesmo?”

“Não, senhor. Estava só tentando copiar uma palavra.”

“Você sabe ler?”

“Não, senhor.”

O velho curvou-se, a fim de olhar dentro dos tristes olhos de Tom. “Você gostaria muito de fazer as duas coisas, não é verdade?”

Tom ergueu seu olhar em direção aos gentis e embaçados olhos cinzentos do Sr. Wyclif, que o fitavam. “Sim, isso eu gostaria, senhor. Mas sou um tocador de porcos. Eles estão esperando para serem levados à floresta, e o capataz me baterá, se chegar atrasado.

“Trei com você e direi a ele que deverá encontrar outro tratador para os porcos. Hoje você começará a aprender a ler e a escrever na escola da vila. Preciso de muitos meninos e homens para fazerem cópias da Bíblia, e você tem talento para isso.



Tom engoliu em seco. “O senhor quer dizer que vai deixar-me fazer cópias das palavras que Deus falou, se eu aprender a ler e a escrever?” Não estava acreditando em tanta felicidade.

“Sim, garoto.”

“As pessoas já estão clamando por essas cópias. Um ansioso inglês veio até mim ontem. Como não tinha dinheiro, ofereceu-me uma medida de feno por umas poucas páginas. Não seremos capazes de fazer

cópias suficientes para todos os que quiserem. Isso porque me custa um dia inteiro copiar uma só página. Devo dizer-lhe, entretanto, Tom, que esse trabalho poderá tornar-se perigoso. Muitos dentre o clero acham que as pessoas não precisam ler a Bíblia, e que apenas os sacerdotes podem explicar os assuntos sagrados. Todavia, creio que é direito de todos os homens lerem a palavra de Deus por si próprios."

Dias, semanas e meses de felicidade passaram-se para Tom, porque seu tempo era preenchido com livros, grafite e giz. Finalmente, ele conseguiu aprender a escrever sobre o pergaminho com pena e tinta. O Sr. Wyclif tinha transformado o grande saguão da reitoria em um "scriptorium", semelhante aos dos monastérios. Cada garoto vindo da escola tinha sua própria escrivaninha alta.

Na época do natal, a reitoria estava alegremente decorada com folhagem e azeninho. Na véspera do natal, o arranjo natalino foi levado até a grande biblioteca, com cânticos especiais. Diante do fogo ardente, o Sr. Wyclif leu a história da natividade aos servos reunidos. Foi a primeira vez que foi lida em inglês, e sua beleza deixou-os embevecidos. Após provarem as maçãs assadas, castanhas e tortas, agradeceram ao Sr. Wyclif, e saíram para suas casas.

Tom ficou para arrumar o recinto. "Sente-se aqui perto do fogo, rapaz", disse-lhe o Sr. Wyclif. "Gostaria de lhe falar."

O garoto sentou-se numa banquetta. O mestre apanhou um pedaço de pergaminho de sua escrivaninha. "Meu rapaz, quero que você saiba que fui levado a julgamento duas vezes por minhas crenças. Foi apenas por causa das pessoas do povo, que criaram um ambiente excessivamente dramático no tribunal, que fui libertado.

No momento, mais problemas estão surgindo com relação ao trabalho que fazemos. A coisa está fervendo. O clero grita em alta voz que permitir que as pessoas comuns leiam as santas escrituras em inglês é heresia. Dizem que o livro sagrado não se destina aos ignorantes. Hoje, a igreja está cheia de ouro e avareza. Quero que as pessoas entendam que devem retornar à vida simples e à fé dos primeiros cristãos,

que conheceram nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Mas, como podem as pessoas conhecer a Cristo, a menos que tenham uma bíblia, onde possam ler, ou que alguém lhes leia em linguagem que compreendam?"

O Sr. Wyclif suspirou profundamente e deu um pergaminho a Tom. "Este é meu presente de natal para você e sua mãe", disse.

Os olhos do rapaz arregalaram-se de surpresa, enquanto lia o documento. Era feito por um homem da lei, e trazia o selo do Sr. Wyclif, impresso com o anel. Declarava que Tom e sua mãe eram, dali em diante, livres. "Por que... por que nos dá essa grande dádiva?" perguntou-lhe Tom.

"Todos os outros meninos do 'scriptorium' nasceram livres. Se houver qualquer problema, poderão escolher entre ficar ou partir. Quero que vocês tenham o mesmo privilégio."

Tom ergueu-se da banquetta todo confuso. Não conseguia extrair uma só palavra de sua garganta apertada, mas, finalmente, pôde dizer: "Jamais o deixarei, enquanto precisar de mim. Nunca! Sei que cada página que copiar é um passo adiante no caminho de ajudar outros meninos como eu a aprenderem a respeito de Deus."

O mestre colocou seu braço em volta do ombro de Tom. "Você acaba de me dar o melhor presente de natal que, a meu ver, você seria capaz — sua lealdade ao nosso trabalho. Agora vá e leia o papel a sua mãe."



Registre Sua Própria História

Comece hoje a fazer um diário de suas experiências de vida, que possam ser compartilhadas.

Os Santos foram encorajados pelo Profeta Joseph Smith a fazerem diários, e tal advertência tem sido feita pelos líderes da igreja desde aí.

Desde a época em que se filiou à Igreja, em 1833, o Presidente Wilford Woodruff fez o seu diário, passando cerca de uma hora por dia, registrando fatos e seus sentimentos.

“Desejo dizer a meus jovens amigos”, disse ele, “que será para eles uma grande bênção, bem como para seus filhos... se fizerem um diário relatando o

que acontece... à sua volta. Que todos os meninos e meninas arranjem... um caderninho e escrevam um pouco... todos os dias.”

Os lançamentos que fazemos no diário não precisam restringir-se apenas a ocasiões especiais. Acontecimentos do dia a dia, esperanças e desapontamentos podem ser registrados, a fim de ajudá-los a deles se recordarem. Eis alguns exemplos:

Rapaz, ganhei uma bola de futebol hoje!

Hoje assistimos a um filme na escola sobre o polvo e outros animais marinhos.

Érico, meu melhor amigo, mudou-se hoje. Provavelmente nunca mais o veja.

Daqui a três semanas, papai me ordenará um diácono.

Vocês poderão começar seu diário, escrevendo em um caderno, fichário, ou outro livro apropriado. Diários são descritivos e pessoais, refletindo exatamente seus sentimentos. Há diários que se destinam a registrar, também, as experiências do dia a dia.

Acontecimentos e experiências relativos a como ganharam um testemunho, e aumentaram sua fé, e eventos sobre o batismo ou outras ordenanças do evangelho, serão de grande valor para vocês e seus descendentes.





A NOITE FAMILIAR

(UM REGISTRO DE LEMBRANÇAS...)

A família Silva preparava-se para realizar a noite familiar. Vovó, que estava de visita naquela noite, observou que papai preparava um gráfico para acompanhar a lição. Mamãe tirava biscoitos de chocolate do forno. Margarete colocava os hinários perto das cadeiras. Ricardo veio de seu quarto, trazendo um caderninho.

“Estou certamente muito feliz, porque a senhora está aqui, vovó”, disse ele. “Agora, tenho algo muito importante a registrar em meu caderninho”.

“O que é esse caderninho, Ricardo?”, perguntou-lhe a avó.

“É um registro de nossas noites familiares. Eu sou o secretário”, disse Ricardo, “e faço a ata. Veja, assim sabemos o que temos feito desde janeiro, e registramos quais as lições que foram dadas”.

Vovó olhou o caderninho. “Aqui há mais do que lições também, Ricardo. É um registro de lembranças... Aqui diz que, depois dessa lição, você fez pipoca com caramelo. Que divertido deve ter sido!”

“Oh, se foi!” Juntos, a avó e Ricardo repassaram o registro das Noites Familiares:

Janeiro 76: Mamãe teve de ficar na cama, porque suas costas doíam demais. Levamos nossos livros e cadeiras, e realizamos a noite familiar em seu quarto, em volta de sua cama.

Fevereiro 76: Essas noites familiares são sensacionais. Eu não sabia até então que Margarete era feliz porque sou seu irmão. Hoje

falamos a respeito das boas coisas que conhecemos um do outro. Falei a papai que gostava da maneira como ele joga bola.

Março 76: Esta noite, convidamos o José e sua família para participarem de uma noite familiar conosco. O pai de José disse: “Outro dia, talvez”. Mas o José veio, e penso que ele gostou.

Abril 76: Mamãe nos disse, após a lição que tivemos, o quanto nosso Pai Celestial nos amou, mandando seu Filho descer e sofrer tanto por nós. Gostei muito dessa reunião familiar.

Maio 76: Hoje foi uma noite de honra para mamãe durante a noite familiar. Papai e eu fizemos o jantar, e Margarete lavou os pratos. Durante a lição, todos nós expressamos nosso amor à mamãe.

Junho 76: Hoje, durante a noite familiar, Margarete ensinou-nos algumas músicas alegres. Estávamos no quintal, e cantamos bastante.

Julho 76: Nossa noite familiar foi realizada ontem. Fizemos um pique-nique no vale, e depois, Papai deu a lição em volta de nossa fogueira. Um esquilhinho apareceu e ficou prestando atenção. Fiquei pensando se ele tem uma família...

Vovó e Ricardo fecharam o livro.

“Agora, hoje”, disse Ricardo, “posso escrever: tivemos uma maravilhosa noite familiar. Vovó esteve aqui”.

SÓ PARA DIVERTIR



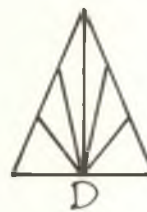
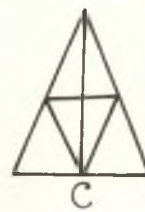
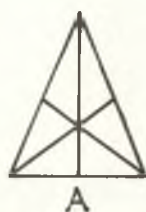
LIGUE OS PONTOS

VOCÊ É CAPAZ?

por Olga C. Brown

De uma folha de papel, corte quatro círculos de cerca de dois centímetros de diâmetro, e quatro círculos menores de cerca de 1,5 cm. Coloque-os em ordem alternada; daí escreva os números de 1 a 8 sobre eles. Mexa dois círculos por vez, mantendo-os juntos um ao outro.

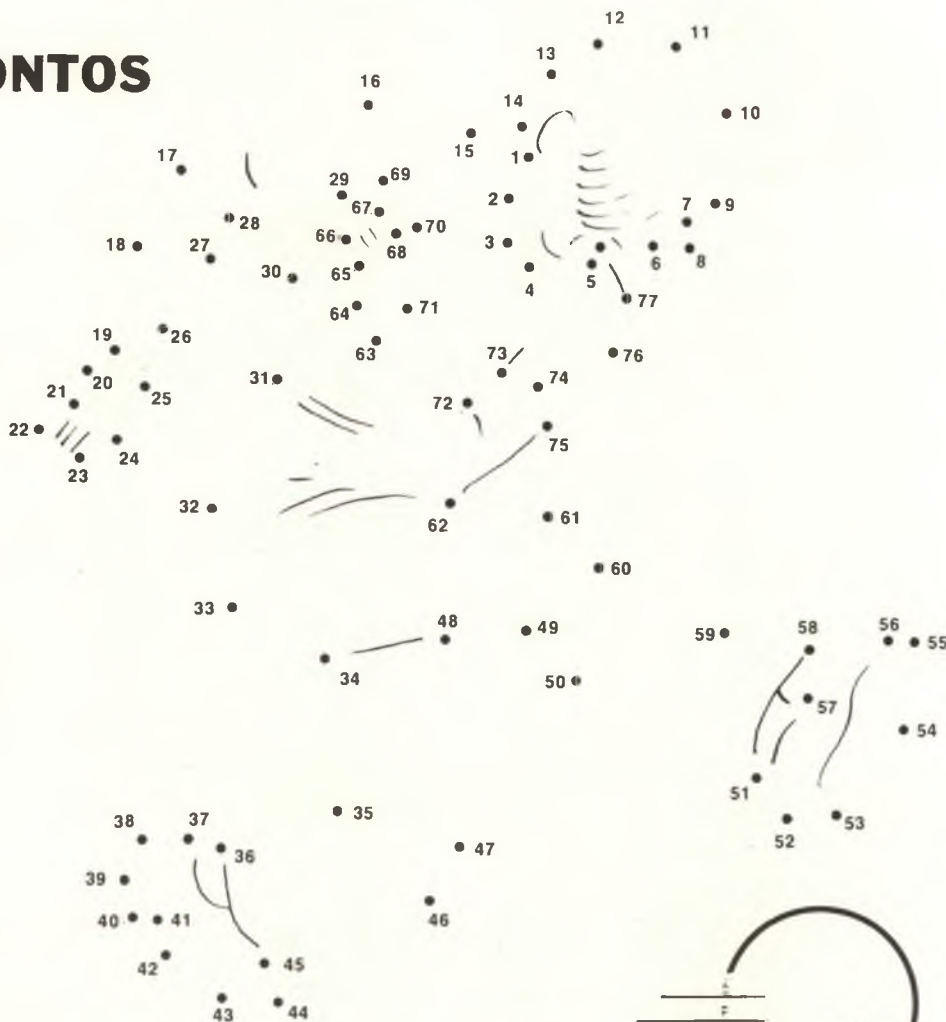
Veja se você pode arrumar novamente o círculo, a fim de que os quatro maiores fiquem juntos, e os quatro menores também.



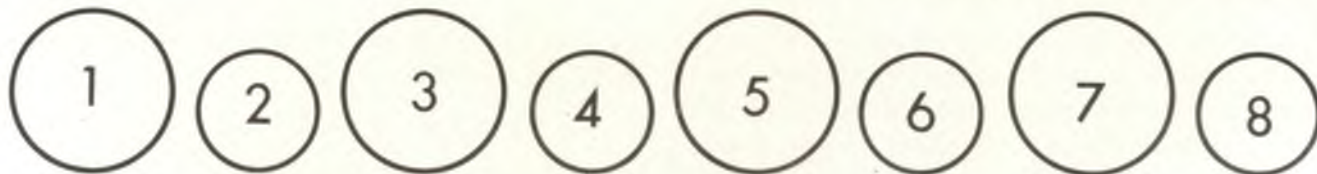
QUANTOS TRIÂNGULOS?

Helen R. Sattler

Você é capaz de, rapidamente, dizer qual figura tem mais triângulos?



por Hilda K. Watkins



Resposta: Mova 2 e 3 para a direita de 8. Mova 5 e 6 para o espaço deixado por 2 e 3. Mova 8 e 2 para o espaço deixado por 5 e 6. Mova 1 e 5 para o espaço deixado por 8 e 2.

Quantos triângulos?
(A) 16, (B) 10, (C) 5 e (D) 13

Filho: Papai, o bispo falou comigo a respeito de receber o sacerdócio de Melquisedeque. Ele disse que uma das coisas que devo fazer é falar com você sobre o que realmente significa ter o sacerdócio.

Pai: Estou grato que o bispo lhe tenha dado tal designação, Paulo, porque o sacerdócio é para mim muito especial. Já discutimos a respeito do sacerdócio muitas vezes, anteriormente. Por onde você quer começar? Tem alguma pergunta em especial?

F. Vamos fazer de conta que eu jamais ouvi falar em sacerdócio antes. Poderia fazer-lhe algumas perguntas básicas que me ajudem a ver a coisa toda de uma vez?

P. Muito bem. Pergunte.

F. Em primeiro lugar, o que é o sacerdócio?

P. Em poucas palavras, sacerdócio é o poder e a autoridade delegados ao homem para representar Jesus Cristo.

De Pai para Filho

(Um diálogo
a respeito do
Sacerdócio)

Por Chauncey C. Riddle



F. Mas por que Jesus? Por que não representamos nosso Pai Celestial?

P. Você está pensando no fato de todos sermos filhos de Deus, o Pai?

F. Sim, e Jesus também é.

P. Isso é verdade, mas há algo diferente acerca de nosso Salvador. Ele era nosso irmão mais velho, enquanto vivíamos com nosso Pai Celestial. E lhe foi dada uma designação especial. Ele foi escolhido pelo Pai para organizar esta terra, povoá-la com outros filhos do Pai, governá-la, e abençoar, através do sacrifício expiatório, cada pessoa que aqui viesse. O restante de nós lá na preexistência não recebeu tal designação; foi uma mordomia dada somente a uma pessoa.

F. Você não está querendo dizer que ele tem de fazer tudo isso sozinho, está?

P. É claro que não. Há muitos para ajudá-lo, e é aí, exatamente, que entra o sacerdócio. Mas o Salvador é o cabeça. Ele é alguém a quem o Pai deu toda a responsabilidade por esta terra, e todas as coisas que lhe dizem respeito. O Pai nos amou de tal forma, que enviou Jesus para criar este mundo, e depois enviou-o a este mundo, a fim de que sofresse e morresse, podendo, então, salvar-nos.

“Como mestre, você começou a fazer
o trabalho de mestre
familiar; . . . você já trabalhou
com o bispo nos
projetos no terreno da capela, nas
fazendas do programa de bem-estar, e
ajudou as pessoas nas alas.”



F. Mas por que foi Jesus o escolhido para ser o Salvador?

P. Estou certo de que não sei todas as razões, mas creio em uma delas: penso que o Pai escolheu a Jesus para representá-lo, por causa do grande e puro amor que Jesus tinha na existência pré-mortal. Jesus amou o Pai e obedeceu-lhe em todas as coisas. Mas também tinha um amor puro por outros, por nós. Por causa de seu puro amor, sem o menor traço de egoísmo, ou cuidado de si próprio, o Pai sabia que podia confiar em Jesus para ser o único responsável por esta terra.

F. Mas ninguém mais tinha esse puro amor?

P. Suponho que havia outros. Mas a casa do Pai é uma casa de ordem. E ele designou apenas um para ser o cabeça. Quando o Pai fala aos homens, tem apenas uma coisa a lhes dizer de início: “Este é meu Filho Amado, Ouve-o” (Joseph Smith 2:17; e também, por exemplo, Mateus 3:17, 17:5.) Todos os que guardam esse mandamento podem receber todas as bênçãos na terra e nos céus através dele, Jesus Cristo. Assim, o Salvador tornou-se o grande Sumo Sacerdote, a única fonte de bênçãos do Pai para esta terra. Quando recebemos a autoridade do sacerdócio, é a autoridade do Salvador que recebemos. Essa é a razão de ser chamado “O Santo Sacerdócio segundo a Ordem do Filho de Deus” (DeC 107:3).

F. Posso entender por que deve haver apenas uma pessoa para representar o Pai. Mas ainda me preocupo com as outras pessoas que tiveram, ou têm, grande amor ao Pai e aos outros. O que acontece a elas?

P. Creio que muitos daqueles que também têm esse amor puro, são os nobres e grandes que o patriarca Abraão mencionou. O Salvador faz deles seus governantes sobre a terra. (Abraão 3:22-23.)

F. É um bocado difícil de se acreditar, quando a gente observa certos governantes durante as diferentes épocas da história.

P. É claro, se você observar os governantes temporais. Contudo, as escrituras não nos falam a respeito dos reis, generais ou presidentes. Os governantes do Salvador são aqueles a quem ele designa para transmitirem as bênçãos da eternidade a seus semelhantes. São os portadores do seu sacerdócio.

F. Você está dizendo então que o Salvador escolhe, dentre as pessoas desta terra, alguns que têm o puro amor, e lhes dá o sacerdócio, para que possam abençoar a outros? Isso parece bom, mas, para mim, é muito difícil relacionar isso com o que vejo dentro da Igreja. Observo boas pessoas que possuem o sacerdócio. Mas também vejo outras que não parecem ter muito amor a quem quer que seja, muito menos o puro amor.

P. É perigoso julgar outras pessoas, Paulo. Mas concordo com você. Não podemos, honestamente, dizer que qualquer pessoa que foi ordenada ao sacerdócio é o que deveria ser.

F. Do jeito como você descreveu, é como se a pessoa tivesse de ser perfeita para exercer o sacerdócio do Salvador em sua plenitude.

P. Embora soe meio assustador, está muito perto da verdade como a compreendo. Quando o Salvador dizia a seus discípulos na Judéia, acerca do que é esperado de nós, eles começaram a ficar desesperados e perguntaram: "Quem pode ser salvo?" Sua resposta é a única esperança. Ele lhes disse que, para os homens, tal perfeição seria impossível, mas que, para Deus, todas as coisas são possíveis. (Ver Mateus 19:23-26.) Essa resposta faz sentido para você?

F. Suponho que quer dizer que os homens não podem ser perfeitos, a menos que Deus os ajude.

P. Certo! Isso é parte do que as escrituras nos dizem, quando explicam que somos salvos pela graça, mas somente após fazermos todo o possível. (Veja 2 Né. 25:23.)

F. Detesto ser pessimista, mas ainda não posso acreditar que a maior parte das pessoas que conheço no sacerdócio possuam o perfeito amor.

P. Paulo, a coisa mais importante não é o fato de que algumas pessoas não possuam tal perfeito amor; o milagre é que alguns possuem. Ajuda, se a gente separar princípios e fins.

O princípio é que nenhum ser humano, da forma como está sobre a terra, é esperto o bastante ou bom o bastante para representar o Salvador perfeitamente e demonstrar o puro amor para abençoar os outros. Assim sendo, é necessário um processo de engrandecimento e purificação de alguém que deve representar o Salvador.

O princípio desse processo é aceitar o evangelho; devemos confessar nossas fraquezas e fazer o convênio com o Senhor através do batismo, segundo o qual tomaremos sobre nós seu nome, lembrá-lo-emos sempre, e obedeceremos a todas as instruções que ele nos der. Estas são as promessas que vocês, sacerdotes, repetem cada vez que administram o sacramento, abençoando o pão e a água.

F. Sim, lembro-me desses conceitos. Mas serão suficientes apenas as promessas?

P. Não são suficientes, mas o princípio, o começo necessário. Quando fazemos essas promessas ao sermos batizados, recebemos a bênção de ter, e mandamento de receber o Espírito Santo.

F. Quando somos confirmados?

P. Exato. O privilégio de ter o Espírito Santo é uma das coisas mais maravilhosas que qualquer pessoa pode ter, pois tal influência nos ensina como começar a pensar e sentir da maneira do Salvador, e também nos traz instruções do Salvador. Você se lembra de como João Batista batizava com água. Mas ele sabia que o batismo de fogo e do Espírito Santo que o Salvador traria, era muito maior, de sorte que ele não se sentia digno de desatar as correias das alparcatas do Salvador. É o poder transformador do Espírito Santo que nos ajuda a nos transformarmos,

para que possamos ser dignos e honrados portadores do santo sacerdócio.

F. Como o Sacerdócio Aarônico se ajusta a tudo isso?

P. Da mesma forma que João vinha batizando com água, a fim de preparar discípulos a quem o Salvador poderia batizar com o Espírito Santo, também o Sacerdócio Aarônico é dado como preparação para se receber o Sacerdócio de Melquisedeque. Você aprendeu, como diácono, a distribuir o sacramento e recolher ofertas de jejum. Como mestre, você começou a fazer o trabalho de mestre familiar; como sacerdote, você teve o privilégio de consagrar os emblemas do sacramento, iniciar o trabalho missionário e efetuar batismos. Nessa época, você já trabalhou com o bispo nos projetos, no terreno da capela, nas fazendas do programa de bem-estar, e ajudou as pessoas nas alas. Agora, quais dos companheiros de sua idade estão recebendo o Sacerdócio de Melquisedeque?

F. Agora são os que fizeram um bom trabalho como sacerdotes.

P. Lógico... Se um jovem aprendeu a ser diligente, fiel, e obediente nos assuntos temporais, eis aí a maravilhosa preparação para se tornar ministro nas coisas espirituais. Ao sair em missão com dezenove anos, já será um veterano no serviço de nosso Salvador. As atitudes e hábitos que um sacerdote fiel tem, são seu alicerce para todos os chamados do Sacerdócio maior. Se ele aprendeu a trabalhar sob a autoridade do sacerdócio na Igreja e a viver pela inspiração do Espírito Santo, então estará pronto para fazer a obra de amor. Não se esqueça, Paulo: sirva você como missionário, como trabalhador em qualquer das organizações da Igreja, ou como marido e pai, seu sucesso real nesses chamados do sacerdócio será medido pela profundidade e pureza de seu amor altruísta e preocupação para com os outros.

F. Você está dizendo que é difícil mostrar amor aos outros, se você nunca aprendeu a ser ordeiro e eficiente nas coisas materiais?

P. Exatamente. Um missionário preguiçoso, desleixado com sua aparência pessoal ou desobediente, terá muita dificuldade para convencer as pessoas que o evangelho restaurado é alguma coisa especial. Um presidente de quorum de élderes que nunca está informado a respeito de coisa alguma, terá muita dificuldade para motivar alguém a ser melhor do que é. Um marido que não trabalha duro para sustentar sua família, ou que pensa primeiro em seu próprio prazer, não está, certamente, guiando sua família de volta ao Salvador.

F. Posso entender isso tudo que é parte do Sacerdócio Aarônico como muito bom. Mas deve haver nele mais do que isso.

P. E há. Estamos falando apenas a respeito do fundamento do puro amor. Devemos acrescentar a ele grande conhecimento, habilidade, sabedoria, e capacidade de compreender as pessoas e suas necessidades. Isso são dons do Espírito. Aqueles que se arrependem de seus pecados e que estão famintos e

sedentos por abençoar outros, são cheios do Espírito Santo. Ai então, esses dons fluem até eles.

Vejamos as preciosas escrituras, Paulo. Poderia abrir na seção 121 de Doutrina e Convênios? A partir do versículo 34 até o final, está um texto muito importante, que penso que cada portador do sacerdócio deveria memorizá-lo, palavra por palavra, e repeti-lo para si mesmo com frequência.

Observe os versículos 34 e 40. É-nos dito que muitos são chamados e poucos escolhidos — e por quê? O versículo 35 diz que não nos devemos fixar nas coisas do mundo, nem aspirar às honras dos homens. Nosso objetivo no sacerdócio deveria ser servir e abençoar.

O versículo 36 nos mostra que não podemos usar o sacerdócio, exceto pelos poderes do céu; especificamente, entendo que isso quer dizer que devemos ter conosco o Espírito Santo, para fazermos uso do sacerdócio. Diz ainda que não podemos ter os poderes e dons do Espírito, a menos que vivamos em retidão.

O versículo 37 nos diz que, se deixarmos que as coisas do mundo nos atraiam, o Espírito Santo será retirado de nós, e quando ele se vai, o nosso poder do sacerdócio também se vai. Devemos ser honestos, verdadeiros, castos e benevolentes — todas as coisas boas — a fim de usarmos o poder do sacerdócio em retidão e da maneira adequada.

O versículo 38 nos relembra de como as pessoas que não se arrependem perdem suas oportunidades no sacerdócio. Então se voltam e lutam contra ele.

O versículo 39 testifica que a maior parte das pessoas que recebe o sacerdócio tenta usá-lo pela força e compulsão, em vez de pureza e amor.

Espero agora que você veja que o versículo 40 responde à pergunta que você tem a respeito dos irmãos do sacerdócio que parecem não manifestar muito amor. Foi-lhes dada a oportunidade para se arrependerem e de fazerem as obras de amor, mas muitas pessoas que são ordenadas ao sacerdócio, “chamadas”, como está escrito, não se apercebem da oportunidade. E assim, poucos são “escolhidos”; poucos terão o sacerdócio eternamente.

Você vê, então, que não aceitamos o evangelho e entramos para a Igreja do Salvador porque somos perfeitos, mas para que possamos aperfeiçoar-nos. Não recebemos o sacerdócio, porque somos semelhantes ao Salvador, mas porque, fazendo seu trabalho, poderemos crescer até sua estatura. Em seu grande amor, ele trabalha conosco, ajudando-nos a crescer passo a passo, chamado a chamado, dentro do reino. Estou certo de que ele se entristece, quando aqueles que são portadores de seu sacerdócio se voltam contra ele, e dão mais valor às coisas do mundo que à vida eterna.

Agora você compreende por que eu disse que há uma diferença entre princípios e fins? Todos somos indignos no princípio, mas alguns progridem e são dignos ao fim.

F. Papai, quero servir ao Salvador e abençoar outros. Que posso fazer para estar certo de que não me afastarei?

P. O melhor que sei fazer, Paulo, é implorar ao Senhor a cada dia que nos ajude, e então apegar-me firme à barra de ferro. (Veja 1 Néfi 15:23-25.) Suponho que a maior tentação que temos é justamente afastar-nos da barra, tirar umas férias de retidão. Penso que isso ajudará a focalizarmos o lado positivo. Se mantivermos em mente tudo o que podemos e devemos fazer as tentações de Satanás serão menos atraentes. Observe que na seção 121, versículos 41 e 42 de Doutrina e Convênios, lemos que devemos usar nosso sacerdócio “com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido; com benignidade e conhecimento puro...” Se olharmos para nós mesmos ao espelho, cada manhã, e deixarmos que essas palavras nos passem pela mente, talvez nos tornemos como Néfi, que tremia ao simples pensamento do pecado.

F. Não é desencorajador pensar em quão bons devemos ser?

P. Pode ser. E fico desencorajado algumas vezes, também. Mas sou estimulado pelas coisas que posso esperar. A Versão Inspirada da Bíblia, no capítulo 14 de Gênesis, fala a respeito de Melquisedeque e o Sacerdócio. Se desejarmos esforçar-nos, receberemos a promessa, se formos fiéis, e se a ocasião assim o requerer, que seremos capazes de abrir mares, fender montanhas, partir qualquer laço e permanecer na presença de Deus. Eu anseio por ser capaz de curar o doente, abençoar os que choram, guiar a mamãe e todos vocês, filhos, ao Salvador. Anseio por viver em uma Sião onde o Salvador governará pessoalmente, e todos o conhecerão. Mas sei que essas coisas somente serão possíveis, à medida que exercermos o santo sacerdócio em pleno poder de retidão. Então, poderemos cumprir as promessas do Salvador naquela bela passagem que se encontra em Mosiah 8:

“Assim Deus forneceu um meio para que o homem, através da fé, possa fazer grandes milagres, tornando-se, assim, um grande benfeitor de seus semelhantes.” (Versículo 18.)

F. Espero que possamos fazer isso, papai.

P. Poderemos, se nos fortalecermos juntos, e permaneceremos unidos, Paulo. A maior coisa em minha vida tem sido o aumento da compreensão que tenho da bondade do Salvador, para conosco. A maior parte desse entendimento veio desde que recebi o sacerdócio e comecei a servir na Igreja. Sou tão grato pelas pessoas especiais que apareceram em meu caminho durante a vida, e que me ensinaram o amor do Salvador.

F. Quem foram elas?

P. Houve muitas, mas gostaria de mencionar três, em particular. Uma delas foi meu Consultor no quorum de diáconos. Ele ensinou a nós, diáconos, muito a respeito do evangelho. Posso ainda vê-lo sentado nas pequenas cadeiras da Escola Dominical Júnior, com lágrimas correndo em sua face, enquanto nos

falava do sacrifício expiatório e de como o Salvador amou ao Pai e a nós, o bastante para ser perfeito.

Outra pessoa foi o sumo conselheiro que trabalhou comigo, quando eu era ainda um estudante e presidente do quorum dos élderes. Ele me ensinou a amar as palavras dos profetas e a aprender como viver pelo Espírito. Ele foi também patriarca em nossa estaca. Deu-me uma bênção que me tem fortalecido e guiado desde aí.

A terceira pessoa é a que mais afetou minha vida. É sua mãe, Paulo. Quando nos casamos no templo, éramos como bebês, em matéria de conhecimento do evangelho e das responsabilidades do casamento. Atualmente, rimos muito, a respeito da inocência de nossa compreensão, e de nossa simplicidade. Mas começamos a crescer juntos. Lemos as escrituras juntos. Trabalhamos na Igreja juntos. Sofremos, economizamos e fizemos poupança juntos. Algumas vezes fomos ríspidos um com o outro, porque tínhamos medo. Mas uma das maiores bênçãos de minha vida foi o amor de sua mãe por mim, Paulo. Isso me tem dado a coragem e força, e ensinado o que o amor é na verdade. As pessoas que me ajudaram têm-me mostrado que necessitamos uma das outras. Suponho que podemos tornar-nos semelhantes ao Salvador, somente trabalhando juntos, para que possamos crescer juntos à sua semelhança.

“Como sacerdote,
você teve o privilégio de consagrar
os emblemas do sacramento,
iniciar o trabalho missionário e
efetuar batismos.”



F. Espero que possa trabalhar com as pessoas que amam ao Senhor.

P. A mais preciosa oportunidade para você assim proceder, será através de seu casamento, Paulo. Todas as tarefas e propósitos do casamento e da família estão inseparavelmente ligadas às funções e autoridade do Santo Sacerdócio. Se você fizer o que sabe que deve fazer, você e sua mulher edificarão um reino eterno do sacerdócio, com o qual abençoarão sua posteridade para sempre.

Espero que você procure entre as filhas de nosso Pai, uma que seja forte na fé, e desejosa de crescer espiritualmente. Seu casamento no templo lhe dará uma oportunidade no sacerdócio tão grande e ampla como a eternidade. Se você e sua mulher puderem aprender a amar um ao outro e a seus filhos com pureza e altruísmo, nos laços do evangelho, você conhecerá a alegria para a qual o homem foi criado. (2 Néfi 2:25.)

F. Papai, sou grato por essa explicação.

P. Se você ainda quiser assimilar mais uma idéia, Paulo, pense nisso: as pessoas a quem você servirá, enquanto estiver em missão, ou na Igreja, já existem. Sua esposa já está em algum lugar, sabido ou não de você agora. Os filhos que você terá já existem, em algum lugar. Penso que coisas importantes são amar e abençoar a cada uma dessas pessoas agora. Não espere até que você seja chamado, ou se case. Se puder amar as pessoas agora, você se manterá limpo e se esforçará para crescer em amor ao Salvador, em espiritualidade, e em retidão. E aí, quando seus chamados vierem, você estará pronto para abençoar, amar com um puro amor. Quer abrir, por favor, no décimo-quinto capítulo de João e ler os versículos 5 a 12?

“Eu sou a videira, vós as varas: quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem. Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos. Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, permaneço no seu amor. Tenho-vos dito isto, para que o meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo. O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.”

Chauncey C. Riddle, professor de filosofia e reitor da Escola Graduada da Universidade de Brigham Young, serve como professor da Escola Dominical na Ala 16 de Orem, Estaca Orem Utah, Sharon.

Fui orador recentemente na reunião sacramental de minha própria ala. No domingo seguinte, um irmão chegou-se a mim, e falou-me sobre o discurso, elogiosamente. Agradei-lhe por sua generosidade e então, por ser um professor nato, passei a testá-lo um pouquinho, a respeito de meu discurso. “O que foi que disse que mais o impressionou?”, perguntei-lhe. Após um longo momento de silêncio, fiquei embaraçado, porque ele estava embaraçado; e ele estava embaraçado, porque não podia lembrar-se.

Então tivemos uma interessante conversa sobre o fato de que a exteriorização física do evangelho, através das palavras, não é tão importante como a compreensão espiritual, os sentimentos, e a motivação que vem através do Espírito, quando o aprendizado e o ensino tomam lugar sob sua direção.

O incidente foi um valioso lembrete de que um professor do evangelho não trabalha por si mesmo, mas como membro de um grupo.

Néfi disse: “... quando um homem fala pelo poder do Espírito Santo, esse poder leva as suas pa-

lavras aos corações dos filhos dos homens.” (2 Néfi 33:1.)

A fim de que esse processo comunicativo seja completo é necessário também que aquele que aprende seja receptivo:

“... e ele vos falou numa voz mansa e delicada, porém havíeis perdido a sensibilidade, de modo que não pudestes perceber suas palavras” (1 Néfi 17:45.) Costumava pensar em por que Néfi não disse ‘ouvir suas palavras’. Agora sei que a pessoa não as ouve com os ouvidos... Mas à mente de uma pessoa vêm palavras... com essas palavras vem um sentimento, uma percepção. A pessoa realmente ‘percebe’, sente as palavras, como disse Néfi... e qualquer que não possa aprender a ouvir pela percepção não irá muito longe”. (S. Dilworth Young, Conferência Geral de outubro de 1961; relatório, pp. 116-117.)

Através de Joseph Smith, o Senhor disse:

“Para pregar o meu evangelho pelo Espírito, o **Consolador, o qual foi enviado para ensinar a verdade.** ... Portanto, como é que não podeis compreender

Preparação para o Ensino em Grupo

por Theo E. McKean



e saber que aquele que **recebe a palavra pelo Espírito** da verdade a recebe como é pregada pelo Espírito da verdade? Portanto, aquele que prega e aquele que recebe, se compreendem um ao outro, e ambos são edificados e juntos se alegram.” (DeC 50:14, 21-22; *itálicos acrescentados.*)

Um professor do evangelho possui o melhor companheiro possível — o Espírito Santo. E um fato muito confortador é a certeza de que podemos sempre confiar que ele fará sua parte. O desafio está conosco. O que devemos fazer para nos qualificarmos? Como podemos nos preparar adequadamente?

PREPARAÇÃO PARA O ENSINO

O gráfico intitulado “Relacionamentos de Ensino/Aprendizado”, publicado no primeiro artigo desta série (ver A Liahona, abril de 1977, p. 28), identifica certas responsabilidades que o professor deve cumprir em seu próprio relacionamento com Deus, antes de estar preparado para ensinar os outros. Uma delas é buscar e receber compreensão e testemunho da verdade. Se estivermos prontos para ensinar **com**, ou **em companhia** do Espírito Santo, devemos-nos banquetear com a palavra de Cristo (Ver 2 Néfi 31:20), até que tenhamos aprendido tudo o que for necessário para ensinar os outros.

“Não procure anunciar minha palavra, mas primeiro procura obtê-la, e então a sua língua se desatará; então, se o desejares, terás o meu Espírito e a minha palavra, sim, o poder de Deus para convencer os homens.

Portanto, entesoura estas coisas em teu coração até o momento em que me pareça sábio enviar-te.” (DeC 11:21, 26.)

O Presidente Ezra Taft Benson instruiu os professores recentemente, dessa maneira:

“Antes que vocês possam fortalecer seus alunos, essencial se torna que estudem as doutrinas do reino e aprendam o evangelho tanto pelo estudo como pela fé. Estudar pela fé é buscar a compreensão e o espírito do Senhor através de oração com fé. Assim, terão força para convencer seus alunos. . . .

A ordem correta para se conseguir o poder de Deus em seu ensino é primeiramente buscar sua palavra; daí, segue-se a compreensão e o Espírito; e finalmente, a força para convencer. Sim, da forma como nosso profeta vivo os instruiu, há bênçãos que advêm de nosso mergulho nas escrituras. A distância diminui, entre nós e nosso Pai nos céus. Nossa espiritualidade brilha, mais luminosa.” (Presidente Spencer W. Kimball, “Men of Example”, discurso para os educadores religiosos, 12 de setembro de 1975, p. 2.)

Lembrem-se sempre, não há substituto satisfatório para as escrituras e as palavras dos profetas vivos. Estas devem ser suas fontes originais. Leiam e meditem sobre o que o Senhor disse, e preocupem-se menos com o que outros possam ter escrito a respeito do que o Senhor disse.” (Presidente Ezra Taft Benson, “The Gospel Teacher and his Message”. Discurso aos educadores religiosos, 17 de setembro de 1976, p. 5-6.)

Juntamente com esse estudo básico e constante do evangelho, o qual é requerido de todos nós, em todas as épocas, os professores com designações específicas, devem também preparar materiais específicos.

Sobre essa responsabilidade, disse o Presidente David O. McKay:

“A maior obrigação que repousa sobre o professor é estar preparado para ensinar. Um professor não pode ensinar a outros o que ele próprio não sabe. Ele não pode fazer com que seus alunos sintam o que ele próprio não sente. O professor não pode ter como objetivo fazer com que um rapaz ou uma moça ganhem um testemunho do evangelho de Deus, se ele (ou ela), não possuir um testemunho.

Há três coisas que devem orientar todos os professores: em primeiro lugar, entender do assunto; em segundo lugar, fazer com que esse entendimento se aplique a si mesmo; e terceiro, tentar fazer com que seus alunos apliquem o entendimento do assunto a si mesmos — sem despejar a matéria em cima deles, mas fazendo com que vejam o que você vê, saibam daquilo que você sabe, e sintam o que você sente.” (David O. McKay, “That you May Instruct More Perfectly”, *Improvement Era*, agosto de 1956, p. 557. Para o texto inteiro, ver o artigo seguinte, nesta revista.)

COMO PREPARAR

O presidente Marion G. Romney disse-nos como devemos procurar a compreensão do assunto que vamos ensinar. Identifica os seguintes quatro passos:

“1. **Desejo.** Repetidas vezes, as escrituras ensinam que os homens recebem respostas do Senhor, de acordo com seus desejos. Alma declarou: ‘... pois sei que ele (Deus) concede aos homens segundo os seus desejos.’ (Alma 29:4.)

Posteriormente, disse a Joseph Smith e Oliver Cowdery: ‘... como desejardes de mim, assim vos será feito.’ (DeC 6:8.)

2. **Pesquisa.** Um desejo eficaz não é simplesmente algo de que gostaríamos. Não é insensível; é uma convicção motivadora que faz com que alguém aja. Uma das coisas que impele um portador do Sacerdócio a fazer é buscar e meditar nas palavras da vida eterna.

Já que não podemos ‘viver (de todas as palavras) que procedem da boca de Deus’ (DeC 84:4), a menos que saibamos quais são elas, é imperativo, então, que as estudemos. E isso o Senhor nos mandou fazer.

No prefácio de seu Livro de Mandamentos, ele disse: ‘Examinai estes mandamentos, pois são verdadeiros e fiéis, e as profecias e as promessas neles contidas serão todas cumpridas’ (DeC 1:37.)

Deus nos instruiu a que ensinemos ‘os princípios do evangelho, que estão na Bíblia e no Livro de Mórmon’ (DeC 42:12.) E isso não podemos fazer, a menos que saibamos quais são eles.

A Joseph, o Profeta, Oliver Cowdery e John Whitmer, disse o Senhor: ‘Eis que vos digo que deveis dedicar o vosso tempo ao estudo das escrituras...’ (DeC 26:1.)

3. **Ponderar.** Sempre que leio as escrituras, tenho sido desafiado pela palavra **ponderar**, freqüentemente usada no Livro de Mórmon. O dicionário nos diz que **ponderar** significa pensar a respeito, deliberar, meditar. Morôni usou o termo desta maneira, ao encerrar seu registro: ‘E eis que desejo exortar-vos, quando lerdes estas coisas... que vos lembreis da

grande misericórdia que tem tido o Senhor para com os filhos dos homens... até a hora em que receberdes estas coisas, as quais **ponderareis** em vossos corações.' (Morôni 10:3, *itálicos acrescentados*.)

Jesus disse aos Nefitas:

'Percebo que sois fracos e não podeis compreender todas as minhas palavras...'

Por conseguinte, ide para vossas casas, **meditai** sobre estas coisas por mim faladas e pedi ao Pai, em meu nome, que vo-las faça entender...' (3 Néfi 17:2-3, *itálicos acrescentados*.)

4. **Oração.** O desejo, a pesquisa e a meditação a respeito das 'palavras de vida eterna', mesmo em

conjunto, importantes o quanto sejam, se mostrariam ineficientes sem a oração.

A oração é a chave que abre a porta ao Salvador.

'Eis', diz-nos ele, 'que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo'. (Apoc. 3:20.)

Ouçam a exortação de Néfi. Espero que influencie a vocês da forma como influencia a mim. Diz ele:

'E agora, eis que, meus queridos irmãos... eu vos disse: Banqueteai-vos com as palavras de Cristo; ... pois eis que as palavras de Cristo vos ensinarão todas as coisas que deveis fazer.

"E vos dou o mandamento de que ensineis a doutrina do reino uns aos outros.

Ensinaí diligentemente e a minha graça vos atenderá, para que sejais instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do evangelho, e em todas as coisas que pertencem ao reino de Deus, e que vos é conveniente compreender;

Tanto nas coisas dos céus como da terra, e de debaixo da terra; coisas que existiram, que existem, e coisas que logo acontecerão; coisas daqui, e de além-mar; quanto às guerras e perplexidades das nações, e quanto aos julgamentos que estão sobre a terra; e um conhecimento também de nações e reinos;

Para que, quando eu vos enviar outra vez, estejais preparados em todas as coisas, para magnificar o chamado com o qual vos chamei, e a missão com a qual vos comissionei." (DeC 88:77-80.)

Somos uma Igreja de professores. É requerido dos pais e mães dos Lares Santos dos Últimos Dias que sejam mestres da palavra — requerido expressamente pela revelação do Senhor. (Ver DeC 68:25-28.) Cada organização auxiliar, cada quorum, é composto de um corpo de homens e mulheres que são, no sentido completo da palavra, professores, mestres; portanto, esta revelação se refere a todos.

A maior obrigação que repousa sobre o professor é estar preparado para ensinar. Um professor não pode ensinar a outros o que ele próprio não sabe. Ele não pode fazer com que seus alunos sintam o que ele próprio não sente. O professor não pode ter como objetivo fazer com que um rapaz ou uma moça ganhem um testemunho do evangelho de Deus, se ele (ou ela) não possuir um testemunho.

Há três coisas que devem orientar todos os professores: em primeiro lugar, entender do assunto; em segundo lugar, fazer com que esse entendimento se aplique a si mesmo; e terceiro, tentar fazer com que seus alunos apliquem o entendimento do assunto a si mesmos — sem despejar a matéria em cima deles, mas fazendo com que vejam o que você vê, saibam daquilo que você sabe, e sintam o que você sente."

Cada professor deve estar preparado com sua lição, ao se encontrar com os rapazes ou moças na classe; pois, pensem nisso, sua maneira de apresentar a lição, sua atitude para com a verdade naquela aula,



"Para que
Possam Instruir
Mais Perfeitamente"

Pres. David O. McKay

Portanto, agora que vos falei estas palavras, se não as puderdes compreender, será porque não pedis nem bateis; de forma que não sereis levados para a luz, mas perecereis na escuridão.

E agora, meus queridos irmãos, percebo que ainda meditais em vossos corações; e é-me doloroso falar-vos sobre isso. Porque, se escutardes o Espírito que ensina o homem a orar, sabereis que deveis orar; porque o espírito mau não ensina o homem a orar, mas ensina-lhe que não deve orar.

Mas eis, vos digo eu, que deveis orar sempre e não desanimar; e nada deveis fazer com respeito ao

Senhor sem antes orar ao Pai, em nome de Cristo, para que ele consagre vossa ação e para que vossa obra possa reverter em bem-estar para vossa alma. (2 Néfi 32:1, 3-4, 8-9.)' (Marion G. Romney, Relatório da Conferência, abril de 1973, p. 116.)

O ensino em grupo com o Espírito é um grande chamado e um grande desafio. "... mas, se estiverdes prontos, não temereis". (DeC 38:30.)

Nem ficaremos embaraçados, quando nosso companheiro no ensino, o Espírito Santo, tiver uma influência maior sobre os alunos que nós mesmos. É a obra de Deus — e sua honra e glória. Bênçãos muitas sobrevirão, quando ajudarmos.

irá determinar a atitude dos rapazes e moças para com a aula e a atividade da Igreja em geral.

Se você fizer com que eles vão embora, sentindo em seus jovens corações que nada ganharam por terem vindo, será difícil que voltem na próxima semana. Mas, por outro lado, se você os impressionou, ou se, embora não tenha conseguido isso, ao menos lhes deu um pensamento que lhes chamou a atenção, descobrirá que sua intenção e desejo de retornar será manifestado pela sua presença na próxima semana.

Após apresentar alguma idéia em sua classe, que faça despertar um pensamento na mente de uma criança, já observou quão desejosa fica a pequena criança de ser reconhecida, a fim de que possa responder à pergunta que você fez?

Simplesmente ler o livro de lições antes da aula não é suficiente. Fazendo assim, eu não conseguirei que a aula seja a minha aula, e até que ela seja minha, até que eu sinta que tenha uma mensagem a dar aos meus alunos, não estarei preparado ao ponto em que o Senhor pediu que o fizesse, quando me chamou para pregar sua palavra. Ela deve ser minha; o que eu quero dar aos rapazes e garotas é o que realmente importa, quando eu os encontrar. Posso tornar aquela lição do livro minha, pelo estudo, fé e oração.

Acerca do "espírito do ensino", quero dizer apenas isso: Um dia, após o Senhor ter sido crucificado, Pedro disse: "Vou pescar". Ele conhecia o ofício da pesca, pois era pescador. Ele não conhecia e não via ainda claramente que sua missão era a de ser pescador de homens. Tomé e alguns dos outros disseram: "Vamos contigo".

Certa manhã, então, encontramos-os com uma grande rede cheia de peixes, com o fogo e pães, e comendo — e o Senhor apareceu em seu meio, dizendo: "Simão Pedro, filho de Jonas, amas-me tu a mim mais do que estes?..."

(Não irei discorrer sobre o que significa "estes". Apenas farei referência ao fato de que o Senhor tinha em mente bênçãos temporais e riquezas).

"Simão... amas-me tu a mim mais do que a estes?"

"Sim, Senhor; tu sabes que te amo".

"Apascenta meus cordeiros." (Ver João 21:15.)

Aí está o segredo no espírito do ensino — apascente o rapaz, apascente a garota. Faça com que o rapaz saiba que você está interessado nele. Quando o encontrar na rua, faça-o saber que você está interessado nele. Que o amor irradie de seu coração, e então você terá um bom terreno para semear as sementes de verdade que frutificarão na vida do rapaz, dando-lhe, eventualmente, a imortalidade e a vida eterna, que é, na verdade, a glória de Deus.

Professores, compreendem vocês as possibilidades que têm? Em algum lugar escrevi essas possibilidades que os professores deveriam sempre compreender, que eles provavelmente têm dentro de seu poder despertar em algum coração, ou talvez em muitos deles:

Primeiro, o desejo de conseguir domínio absoluto sobre a indulgência fraca e egoísta.

Segundo, o poder de preparar alguém para enfrentar a vida com coragem, para fazer frente ao desastre com altivez, e para encarar a morte sem medo.

Terceiro, desenvolver viril masculinidade, e bela feminilidade. Oh, como o mundo precisa disso!

Quarto, implantar dentro de muitas almas pelo menos a promessa de um amigo, ou, em cada uma, um companheiro que mais tarde sirva como marido ou esposa, servindo ainda como pai exemplar, ou amorosa e inteligente mãe. Esse é seu privilégio, professor.

E, em quinto lugar, despertar o amor ao evangelho de Jesus Cristo. Obediência a ele trará felicidade nesta vida e salvação, com possível exaltação através da eternidade.

O objetivo principal da atividade da Igreja é ajuda em proporcionar, através de inspiração e orientação do Senhor, a imortalidade e vida eterna ao homem.

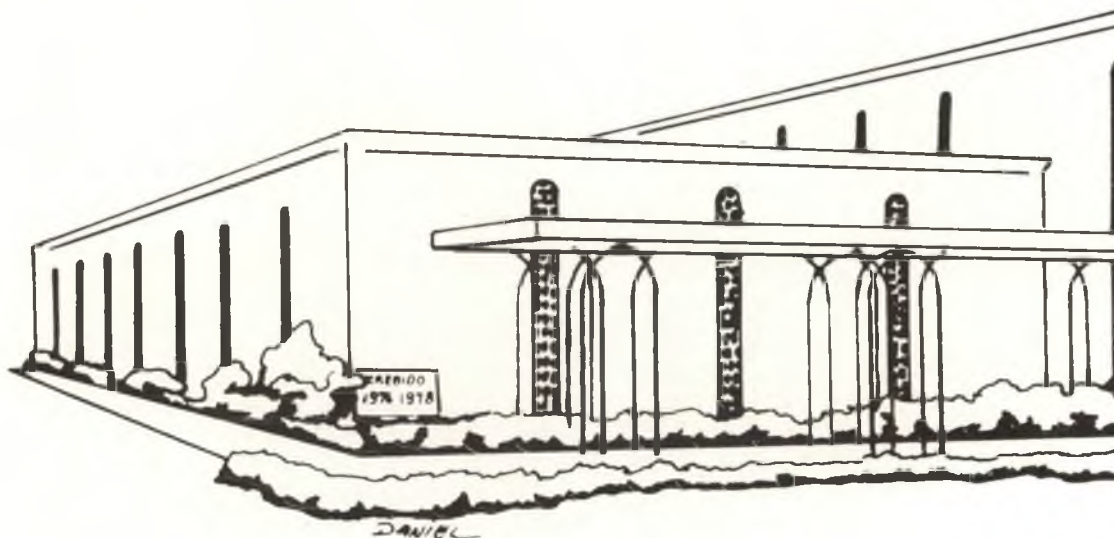
Temos como propósito imediato e direto o estabelecimento nos corações dos jovens e velhos um testemunho da divindade da obra de Deus, sem o que a vida eterna não pode ser obtida, pois "... a vida eterna é esta: que te conheçam a ti só, como único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3.)

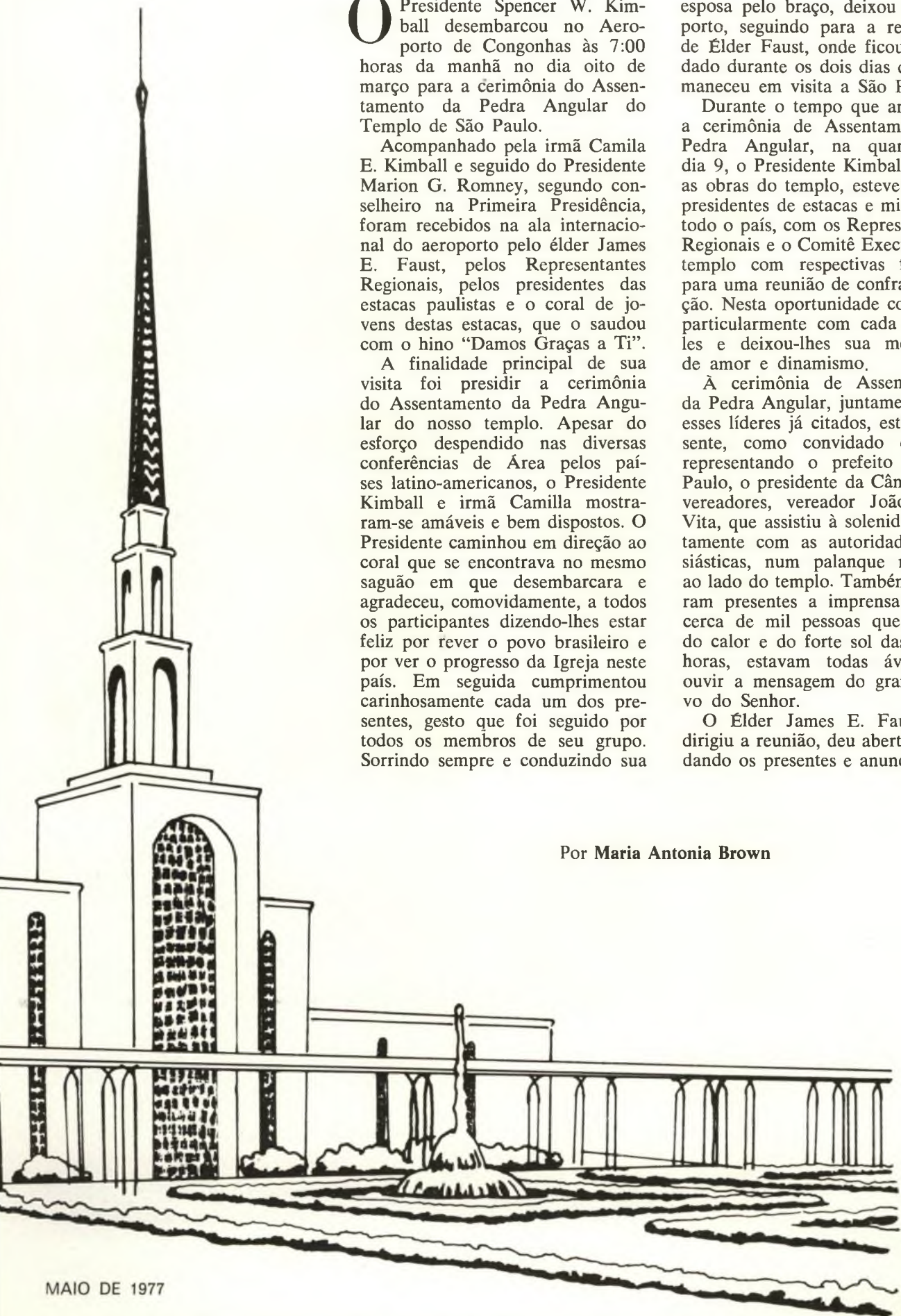
(David O. McKay, "That you may instruct more perfectly", **Improvement Era**, 59:557-58, agosto de 1956.)

PRESIDENTE KIMBALL EM SÃO PAULO



“DAVI, ELEITO REI, TENCIONAVA ERIGIR UM TEMPLO AO SENHOR, MAS, CAIU EM PECADO E TORNOU-SE INDIGNO . . . O SENHOR NÃO TERIA ACEITO ESSE TEMPLO SE DAVI O TIVESSE ERIGIDO. TAMBÉM NÓS PRECISAMOS SER REALMENTE DIGNOS PARA OFERECER UM TEMPLO AO SENHOR.” (Presidente Spencer W. Kimball)





O Presidente Spencer W. Kimball desembarcou no Aeroporto de Congonhas às 7:00 horas da manhã no dia oito de março para a cerimônia do Assentamento da Pedra Angular do Templo de São Paulo.

Acompanhado pela irmã Camila E. Kimball e seguido do Presidente Marion G. Romney, segundo conselheiro na Primeira Presidência, foram recebidos na ala internacional do aeroporto pelo élder James E. Faust, pelos Representantes Regionais, pelos presidentes das estacas paulistas e o coral de jovens destas estacas, que o saudou com o hino "Damos Graças a Ti".

A finalidade principal de sua visita foi presidir a cerimônia do Assentamento da Pedra Angular do nosso templo. Apesar do esforço despendido nas diversas conferências de Área pelos países latino-americanos, o Presidente Kimball e irmã Camilla mostraram-se amáveis e bem dispostos. O Presidente caminhou em direção ao coral que se encontrava no mesmo saguão em que desembarcara e agradeceu, comovidamente, a todos os participantes dizendo-lhes estar feliz por rever o povo brasileiro e por ver o progresso da Igreja neste país. Em seguida cumprimentou carinhosamente cada um dos presentes, gesto que foi seguido por todos os membros de seu grupo. Sorrindo sempre e conduzindo sua

esposa pelo braço, deixou o aeroporto, seguindo para a residência de Élder Faust, onde ficou hospedado durante os dois dias que permaneceu em visita a São Paulo.

Durante o tempo que antecedeu a cerimônia de Assentamento da Pedra Angular, na quarta-feira, dia 9, o Presidente Kimball visitou as obras do templo, esteve com os presidentes de estacas e missões de todo o país, com os Representantes Regionais e o Comitê Executivo do templo com respectivas famílias, para uma reunião de confraternização. Nesta oportunidade conversou particularmente com cada um deles e deixou-lhes sua mensagem de amor e dinamismo.

À cerimônia de Assentamento da Pedra Angular, juntamente com esses líderes já citados, esteve presente, como convidado especial, representando o prefeito de São Paulo, o presidente da Câmara dos vereadores, vereador João Brasil Vita, que assistiu à solenidade juntamente com as autoridades eclesiásticas, num palanque montado ao lado do templo. Também estiveram presentes a imprensa local e cerca de mil pessoas que, apesar do calor e do forte sol das quinze horas, estavam todas ávidas de ouvir a mensagem do grande servo do Senhor.

O Élder James E. Faust, que dirigiu a reunião, deu abertura saudando os presentes e anunciando o

Por Maria Antonia Brown

primeiro hino, cantado por todos e a primeira oração, foi proferida pelo irmão Walter Spät, novo Representante Regional dos Doze. Elder Faust anunciou que um coro formado por jovens da AIM de quatro estacas, regido pela irmã Silene Lobo e acompanhado ao órgão pela irmã Leonilda Lobo, abrihantaria aquela cerimônia.

Presidente Romney, o segundo conselheiro na Primeira Presidência, foi o primeiro orador da tarde, tendo como seu intérprete o irmão Benedito Carlos de Souza. Falou sobre os eventos ocorridos após a crucificação de Jesus Cristo, da grande destruição ocorrida na América, dos terremotos e do período de trevas. Após as trevas, pessoas se reuniram ao redor do templo e conversavam sobre a destruição. Em meio à discussão, ouviu-se uma voz dos céus que penetrou até o mais profundo da alma, dizendo: “Eis que sou Jesus Cristo.”

Presidente Romney, comentando ainda mais sobre o Livro de Mórmon, disse que esse foi o último relato que tivemos de um templo na América, o qual foi edificado cinquenta anos após a chegada de Néfi aqui nestas terras, e acrescentou: — “Hoje é um dia muito especial, é o dia em que voltamos a edificar uma casa em honra ao único Deus vivente e somos muito gratos por estarmos aqui. Isto é um grande incentivo para todos nós. Cumprimento a todos por receberem o Evangelho. Oro para que quando o Senhor voltar estejamos todos dignos de encontrá-lo e esse dia não tardará a chegar”.

A essa altura dos eventos toda a congregação encontrava-se já imbuída do Espírito e ansiosa por ouvir o Profeta. Elder James E. Faust, que dirigiu a solenidade, anunciou a sua palavra.

Ele, trajando o tradicional terno escuro, na simplicidade peculiar de um ungido do Pai, e alheio aos maus tratos do forte calor reinante, fez-se ouvir, tendo como intérprete o irmão Hélio da Rocha Camargo: — “Meus amados irmãos e irmãs, essa é uma ocasião maravilhosa para estar com vocês.”

Sua voz era calma e seu tom expressava realmente muito amor



Chegada do Presidente Kimball no Aeroporto de Congonhas em São Paulo



Comovido, Presidente Kimball agradece ao coral que o saudou. Atrás, Irmã Camilla e Presidente Romney



Presidente Kimball cumprimentando membros e líderes



Autoridades gerais aguardando o início da cerimônia



Cenas do Assentamento da Pedra Angular, realizado por Presidente Romney



Presidente Kimball entre membros e autoridades gerais, no ato da cerimônia

pelos irmãos presentes. Disse que temos já edificamos dezesseis templos e outros quatro estão em construção: o nosso em São Paulo, um nos Estados Unidos, um no México e outro no Japão.

Citou as diferenças fundamentais entre as capelas de reunião e os templos. Citou os tabernáculos erigidos quando o povo de Moisés vagueava pelo deserto. Eles não podiam erguer um templo, pois estavam sempre em viagem e ainda não tinham alcançado o seu destino.

Presidente Kimball falou sobre Davi, que quando eleito rei, tencionava erigir um templo ao Senhor, mas ele caiu em pecado e não pôde fazê-lo. Frisou a todos que deveriam anotar bem que o Senhor não teria aceito o templo erigido por Davi e esse privilégio passou para seu filho Salomão. Deixou bem claro que precisamos estar certos de sermos realmente dignos de erguer um templo e oferecê-lo ao Senhor. É preciso que cada um tenha essa certeza dentro de si e que ele também gostaria de ter esta certeza sobre cada um.

Em seguida lembrou aos jovens que deveriam planejar seu casamento no templo e que cada casal já constituído deveria planejar o seu selamento para a eternidade, selando os filhos a si em uma união eterna.

Anunciou durante esse mesmo pronunciamento o presidente do templo de São Paulo. Trata-se do presidente Finn B. Paulsen, um grande homem que já foi presidente de uma missão no Brasil e que oportunamente escolherá seus conselheiros. Afirmou que o Presidente da Igreja possui todas as chaves do Evangelho e delegará as chaves das ordenanças sagradas ao presidente do templo.

Presidente Kimball encerrou sua mensagem dizendo: — “Amamos ao Senhor com toda nossa alma e a seu filho Jesus Cristo. Esperamos que todas as pessoas desta área aguardem com ansiedade a dedicação desta Casa em outra ocasião gloriosa e sagrada como esta.”

Após o discurso, procedeu-se à cerimônia propriamente dita do Assentamento da Pedra Angular

pelo Presidente Romney, assistido pelo Presidente Kimball, o vereador João Brasil Vita e toda a congregação. Após o ato, o irmão Antonio Carlos de Camargo, Representante Regional dos Doze, encerrou a solenidade com uma oração de agradecimento.

À noite, às 20 horas, foi realizada uma reunião de instrução num dos salões do Esporte Clube Pinheiros, para toda a liderança da Igreja e respectivos cônjuges, dirigida por Elder James E. Faust e tendo os irmãos Benedito Carlos de Souza e o bispo Humberto de Andrade Silveira como regente e organista, respectivamente.

Após o cântico de um hino e da primeira oração proferida pelo irmão Miguel Sorrentino Netto, presidente da estaca Porto Alegre Brasil, Presidente e irmã Kimball e o Presidente Romney foram homenageados pelo povo brasileiro através do Representante Regional Osiris Grobel Cabral e de sua esposa Elaine Fusco Cabral, que lhes ofereceram como presente duas peças do artesanato típico do Brasil.

Elder Faust abriu a reunião, dizendo ser esse um momento especial para os líderes da Igreja e suas esposas, pois as bênçãos do templo trazem, através dos convênios, a vida eterna, o maior de todos os dons. Prestou seu testemunho acerca da veracidade do Evangelho de Jesus Cristo e do atual Profeta de Deus na terra.

Presidente Romney, tendo como intérprete o irmão Gabriel Kemy, iniciou seu discurso levantando três questões: O que é um templo? O que é feito no templo? Como uma pessoa pode qualificar-se para entrar no templo? Respondeu a cada uma delas de maneira muito clara, dizendo que os templos são lugares sagrados. Há alguns lugares no mundo que se tornaram sagrados por causa dos eventos que ali tiveram lugar: o Monte Sinai é um lugar sagrado porque ali o Senhor instruiu a Moisés; Jesus Cristo fez seu histórico sermão da montanha e esse se tornou um lugar sagrado; o Senhor apareceu a Joseph Smith no bosque e esse também é um local sagrado. Todos estes são lugares sagrados, mas, não templos.



Caixa da Pedra Angular, onde estão contidos os registros para posteridade e placa de mármore que representa a Pedra Angular ou de esquina

CONTEÚDO DA CAIXA DA PEDRA ANGULAR DO TEMPLO DE SÃO PAULO

- 1 — 1 Bandeira Brasileira 1,30 x 0,90 cm.
- 2 — 1 Exemplar do jornal "O Estado de São Paulo", 5 de março de 1977.
- 3 — 1 Exemplar da Constituição da República Federativa do Brasil.
- 4 — 1 Programa de "Abertura de Terra" do Templo de São Paulo.
- 5 — 1 História da Igreja no Brasil.
- 6 — 1 número de membros da Igreja no Brasil.
- 7 — 1 Gravura do Templo.
- 8 — Fotos da Primeira Presidência.
- 9 — 1 Exemplar "A Liahona", Fevereiro de 1977.
- 10 — 4 Exemplares do jornal "Church News".
- 11 — 1 Exemplar da Revista "Ensign", Fevereiro de 1977.
- 12 — 1 Exemplar "A Liahona" em castelhano, Janeiro de 1977.
- 13 — 1 Exemplar "Deseret News 1977 Church Almanac".
- 14 — 1 Exemplar "A Casa do Senhor".
- 15 — 1 Exemplar "Jesus o Cristo".
- 16 — 1 Exemplar "Regras de Fé".
- 17 — 1 Exemplar "Doutrina e Convênios" e "Pérola de Grande Valor".
- 18 — 1 Exemplar "Doctrinas e Convenios" e "Perla de Gran Precio" (espanhol).
- 19 — 1 Exemplar "Livro de Mórmon".
- 20 — 1 Exemplar "El Libro de Mórmon" (espanhol).
- 21 — 1 Exemplar "A Bíblia Sagrada".
- 22 — 1 Exemplar "Jornal de Brasília", 8 de março de 1977.
- 23 — 1 Exemplar "Jornal do Brasil", 8 de março de 1977.
- 24 — 1 Exemplar "La Nacion", 8 de março de 1977.
- 25 — 35 mm slides de vistas em redor do templo.
- 26 — 1 Exemplar "O Guia de São Paulo 1977".
- 27 — 1 Exemplar "Ensign", março de 1977.
- 28 — 1 foto colorida do 1.º Quorum dos Setenta.
- 29 — 1 Exemplar "Assentamento da Pedra Angular".
- 30 — 1 Exemplar "O Estado de São Paulo", 9 de março de 1977.
- 31 — 4 Plantas do Templo folhas — A1, A2, A7, A8.
- 32 — 1 Cópia do "Alvará de Construção do Templo".

A caixa, que mede 60 cm de comprimento, 38 cm de altura por 20 cm de fundo, é confeccionada em cobre, localizando-se do lado direito do templo, formando um ângulo reto, na esquina do edifício. Ela fica assentada sobre o alicerce e presa entre dois grandes parafusos que impedem sua movimentação. Estes parafusos estão ligados à pedra ou seja, à placa de mármore, que reveste o local; nela estão gravados em ouro os dizeres: erigido 1976-78.



Reunião com os líderes brasileiros na noite de 4.ª feira, 9 de março, no Esporte Clube Pinheiros



O Representante Regional, Osiris Grobel Cabral, presta homenagem ao Presidente Kimball em nome do povo brasileiro; ao fundo Irã Elaine Cabral e élder Faust



Presidente Romney, recebendo uma peça do artesanato brasileiro das mãos do Irmão Osiris Grobel Cabral

Templos são edifícios especialmente construídos e consagrados. Citou o exemplo do povo de Israel que se distinguiu por edificar templos. Esses edifícios eram exigidos pelo Senhor e eram edificadas com os melhores materiais e pelos mais hábeis artesãos, para que lá o Senhor pudesse manifestar sua presença e sua vontade. No templo, fazemos convênios para viver as leis do Evangelho, castidade e consagração. Aprendemos o que devemos fazer para nos levantarmos da vida mortal. Aprendemos as verdades referentes ao fato de sermos filhos de Deus e de herdarmos a possibilidade de um dia sermos deuses. Lá recebemos a promessa de que, se cumprirmos os convênios que realizamos e as leis recomendadas, herdaremos a vida eterna. Fazemos ordenanças como o batismo pelos mortos, através de procuração, e também o casamento eterno para os vivos e para os mortos e todas as ordenanças necessárias para podermos voltar à presença do Senhor.

Para estarmos qualificados para ir ao templo, o Presidente Romney exortou-nos sobre a necessidade de termos um verdadeiro testemunho do Evangelho e sermos membros fiéis, seguindo a Palavra de Sabedoria e guardando a lei de castidade e fidelidade total no casamento, respeitando as leis do país e orando sempre, magnificando os chamados na Igreja sem nunca recusá-los, sendo amáveis com nosso próximo e fazendo o bem a todos os homens.

Terminou dizendo que o Senhor nos admoestou que nenhuma coisa impura pode entrar na sua presença. Se mantivermos nossa casa limpa, ele virá a ela; caso contrário, ele não habitará e nem entrará nela e acrescentou:

— Vivamos dignamente para receber essas bênçãos. Sei que Deus vive e é nosso Pai, seu filho Jesus Cristo é o Redentor. Suas revelações constituem o caminho para a Vida Eterna.

Intercalando-se às mensagens da Primeira Presidência, foram apresentados dois números musicais que aumentaram ainda mais a elevada atmosfera espiritual desse dia. Foram eles o "Largo" de Haendel, executado pelo irmãos João

Eduardo Kemeny, ao violino, Ben-Hur Guimarães de Freitas, ao violoncelo e Luiza Igari ao piano e o hino "Andei por Onde Andou Jesus", cantado pela irmã Clery Pereira Bentim, acompanhada ao piano por Benedito Carlos de Souza.

Presidente Kimball, como último orador, saudou a todos com um amor que somente um enviado especial de Deus poderia transmitir aos seus semelhantes. Sua expressão serena, sua voz mansa aqueceu todos os corações com o consolo de que realmente o Senhor vive e se manifesta a nós através de um servo escolhido e pronto a executar sua vontade.

Tendo como intérprete mais uma vez o irmão Hédio da Rocha Camargo, falou de como é sagrado dedicar um templo ao Senhor, em cumprimento às suas ordens. Disse que em todos os dezesseis templos por onde passou pôde sentir a influência sagrada do Senhor, pois eles são o seu lar e ele pode vir visitá-los todas as vezes que lhe aprouver.

Voltou a falar na importante preparação para entrarmos no templo. Devemos prometer que nossa vida será dedicada ao Senhor e que seremos sempre limpos. Se fizermos essas promessas aos bispos e presidentes de estaca obtaremos a recomendação válida por um ano e que poderá ser renovada de acordo com nossa dignidade.

A modéstia no vestir está entre as recomendações mais importantes feitas nessa noite por nosso amado Presidente. Os homens e mulheres SUD são as pessoas mais modestas do mundo, afirmou.

Recomendou que os pais ensinem seus filhos encaminhando-os para o templo, façam reuniões familiares e preparem suas crianças para que, quando se tornarem adultos, não se desviem da verdade. As esposas devem apoiar seus maridos e cada casal deve planejar sem demora seu casamento no templo.

Foi bem longa a admoestação desse grande instrutor e bastante detalhada para que cada um esteja certo do passo que está prestes a dar e da responsabilidade que vai assumir por toda a eternidade.

Esta foi realmente uma memorável noite vivida pelos santos brasileiros.

O PRESIDENTE DO TEMPLO DE SÃO PAULO



Finn B. Paulsen, de 57 anos, é o presidente designado para ocupar a presidência do Templo de São Paulo. Filho de pais noruegueses convertidos ao Evangelho, ele nasceu em Springfield, Idaho.

Em 1941, serviu como missionário no Brasil, período em que a Igreja estava iniciando suas atividades aqui, com muitas dificuldades pois era um período de guerra, o que o forçou a voltar aos Estados Unidos em 1943. Lá estudou engenharia na Universidade de Utah, e conheceu Sarah Broadbent, com quem se casou no Templo de Salt Lake em 26 de junho de 1946.

Elder Paulsen voltou mais tarde para o Brasil, em 1961, para presidir a Missão Brasileira do Sul. Junto, vieram irmã Sara e os cinco filhos do casal: David, Shauna, Margareth Ann, Susan e Louise. David, mais tarde serviu também como missionário, no Brasil.

Durante o período em que presidiu a missão sul, presidente Paulsen tornou-se bastante conhecido entre os Santos brasileiros através de seus Editoriais em A Liahona. Escrevendo sobre as atribuições pelas quais muitos membros têm passado disse: "Na vida de cada

pessoa as experiências e atribuições aparecem como teste, mas se a mão do Senhor é reconhecida em todas as experiências, com fé, o espírito cresce em sabedoria e entendimento. Às vezes, depois de os anos passados, a gente pode olhar para trás lembrando de uma tristeza e experiência e, mesmo com as limitações da visão mortal, ver o bem que resultou de uma aflição".

Alguns anos mais tarde, presidente Paulsen voltou como Representante Regional dos Doze, cargo que ocupou de 1967 a 1974.

O currículo de bons serviços prestados ao Senhor por esse irmão é bastante extenso. Durante os intervalos em que se ausentou do Brasil, ele foi presidente do Quorum dos élderes em sua estaca, presidente do Quorum dos Setenta, conselheiro do bispado, bispo, presidente de estaca.

Recentemente, antes de receber o chamado para o Templo de São Paulo, ele trabalhava na Junta Geral do SAM e sua esposa, irmã Sarah, servia como 1.º conselheira da Presidência Geral da Primária.

Profissionalmente, élder Paulsen é presidente da "Finn B. Paulsen Inc.", uma firma de construção em Salt Lake City.

Firmes, Marchai!

A IMPORTÂNCIA DO INSTITUTO PARA UM EX-MISSIONÁRIO

Quando voltamos da Missão, sempre pensamos que estamos fortes, poderosos e que nada nos vai abater e podemos enfrentar toda a iniquidade do mundo. De certa forma, tendo o Espírito por perto conseguimos isto. Mas com o correr do tempo nós, ex-missionários, temos que nos preocupar com muitas coisas e todas materiais: nosso sustento, casamento, filhos e estudo, para podermos crescer em conhecimento.

Outras atividades nos tiram o convívio íntimo e total que tínhamos diariamente com nosso Pai Celestial. As influências externas são grandes e as pressões para o mal são maiores. Sei que todos os membros recebem tal provação mas, para um ex-missionário acostumado a ter a seu lado um companheiro que pensa da mesma forma e que o ajuda a ensinar aquilo que é o objeto de sua fé e testemunho, o impacto é maior.

Sofri tais provações e sentia-me muito triste por estar mal espiritualmente, quando comecei a frequentar ativamente o Instituto Regular. A princípio pensei tratar-se de outra atividade comum da Igreja mas com o passar das aulas fui compreendendo o seu propósito de fortalecer-nos. Para mim ele fez mais do que isso: deu-me novo ânimo e um reavivamento dos sentimentos especiais obtidos na missão. Tenho uma grande dívida com o Instituto. Suas aulas ajudaram-me a tomar decisões inspiradas e obter um constante relacionamento com nosso Pai Celestial.

Testifico aos irmãos, principalmente aos ex-missionários, que o Instituto desempenha importante papel em nossas vidas, proporcionando maior contato com o Senhor, e nos dá base para enfrentarmos as intempéries espirituais da vida, ensinando cada vez mais a sua doutrina. Em Nome de Jesus Cristo Amém.

Orlando Albuquerque



O Que Você Faria?

Sister Aquino

Se o Presidente da Missão chegasse em sua área hoje para com você passar um dia... se ele chegasse inesperadamente... Eu imagino o que você faria!

Ofereceria a ele um quarto bem limpo, uma cama acolhedora? Ou pediria ao seu companheiro que o distraísse com seu inventário, enquanto as pulgas você mataria!

Dividiria com ele a refeição planejada para o dia? Ou haveria tanta louça suja que seria quase impossível em pouco tempo deixar a pia vazia!

Depois de tudo limpo, o cardápio organizado, ofereceria a ele um bom suco, salada, queijo, mel, pão torrado, ou tudo não passaria de um pedaço de pão doce e um guaraná bem gelado!

Esconderia tio Patinhas, Cebo-linha, colocaria os livros-padrão em seu lugar?

Ou tomaria bem rápido o livro de palestras pensando poder ao presidente enganar!

Teria tirado aquela música popular e colocado hinos do Coro do Tabernáculo em seu lugar?

Ou talvez isto nem adiantaria por não ser dia de preparação aquele dia!

Eu imagino o que você faria, se o Presidente da Missão passas-

se com você um dia!

Você faria as coisas que sempre faz? Diria sempre as mesmas palavras que diz? Ou teria que transformar tudo para ver o Presidente feliz!

Acharia difícil abençoar todos os alimentos, ou a fome seria tanta que a oração muitas vezes não atingia seus pensamentos?!!!

Contaria a ele seus pensamentos do dia? Ou teria que dizer a ele que de muitos deles, nem mesmo se lembraria?

Teria feito com ele os mesmos contatos de rua, as mesmas perguntas de ouro?

Ou mudaria seus planos por um ou mais dias?

Ficaria alegre que ele participasse com seu investigador em mais uma lição?

Ou talvez preferisse que ele não estivesse lá, por você em alguns conceitos fazer bastante confusão?

Você gostaria que ele ficasse para sempre em sua área? Ou talvez ficaria aliviado quando ele voltasse para a casa da missão!

Talvez fosse interessante saber sobre as coisas que você faria, se o Presidente da Missão viesse **PESSOALMENTE** com você passar um dia!

O lo'u lava talaaga. Mi diario. Min dagbok.
Ko'Eku Tohi noa. 나의 일지. Min dagbok.
Mijn dagboek. Päiväkirjani. 私の日記.
Mon journal. 我的日記. Mein Tagebuch.
Il mio diario. min dagbok. Meu diario.
나의 일지. O lo'u lava talaaga. Mi diario.
Min dagbok. Ko'Eku Tohi noa. 私の日記.
Min dagbok. Mijn dagboek. Päiväkirjani.
我的日記. Mon journal. Mein Tagebuch.
Min dagbok. Meu diario. Mon journal.
O lo'u lava talaaga. 나의 일지. Mi diario.
Min dagbok. 我的日記. Ko'Eku Tohi noa.
Päiväkirjani. Mijn dagboek. Mein Tagebuch.
Min dagbok. Il mio diario. O lo'u lava talaaga.
私の日記. Mi diario. Min dagbok. Mi diario.
Il mio diario. 나의 일지. Ko'Eku Tohi noa.
min dagbok. Il mio diario. Mein Tagebuch.
Mon journal. Päiväkirjani. Mijn dagboek.
我的日記. Ko'Eku Tohi noa. Mi diario.
Min dagbok. 私の日記. O lo'u lava talaaga.
Meu diario. min dagbok. Mein Tagebuch.
O lo'u lava talaaga. Meu diario. Mon journal.
min dagbok. Il mio diario. 我的日記.
Mijn dagboek. min dagbok. Päiväkirjani.
Ko'Eku Tohi noa. Mein Tagebuch.